

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**"O Fenômeno da Concordância no Processo de Aquisição do
Pronome Possessivo por Crianças Adquirindo o PB".**

Flávia Carvalho Faria

Dissertação
de
Mestrado

2005

EXAME DE DISSERTAÇÃO

FARIA, Flávia Carvalho **O Fenômeno da Concor-
dância no Processo de Aquisição do Prono-
me Possessivo por Crianças Adquirindo o
PB.** Dissertação de Mestrado em Letras, apre-
sentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras
da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1. se-
mestre de 2005.
BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Doutora Maria Cristina Lobo Name
Orientadora Acadêmica

Prof^ª Doutora Maria Margarida Martins Salomão
Co-orientadora acadêmica

Prof^ª Doutora Leticia Maria Sicuro Corrêa
Co-orientadora acadêmica

Examinada:

Conceito:

Em:

O FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DO PRONOME
POSSESSIVO POR CRIANÇAS ADQUIRINDO O PB

por

FLÁVIA CARVALHO FARIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Letras, elaborada sob a orientação da Prof^a Dr^a Cristina Lobo Name.

2005

A Filipe e Aléxia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sábio criador.

À Professora Maria Cristina Lobo Name, pela orientação, pela dedicação e, acima de tudo, por ter acreditado no meu projeto.

A todo o corpo docente do curso de letras da UFJF, por conduzir o meu caminho.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação de Letras da UFJF, pela competência e pelo reconhecimento.

À Professora Marina Augusto, pelas sugestões e comentários.

À CAPS, pelo apoio financeiro.

Aos colegas Christiano, Marcela e Juliana, pelo apoio e pela grande ajuda.

Às creches Espaço Livre e Espaço Mágico e ao Colégio Granbery, pelo interesse demonstrado e pela disponibilidade.

Às crianças que participaram das atividades experimentais, pelo aprendizado e pelos bons momentos; a seus pais, pela compreensão e pela colaboração.

À minha madrinha Cristina, pelo apoio técnico.

À minha dinha Zezé, por ter sido o começo.

Ao Lucas e à Beatriz, por terem me ensinado a aprender.

Aos meus filhos, por serem a razão de tudo.

Ao Alexandre, pelo incentivo, pela confiança e por ser um vencedor.

À minha mãe, pelo exemplo de força e obstinação.

Ao meu pai, por tudo que me ensinou da vida no silêncio de seu descanso eterno.

E orgulho-me todavia de minha humildação, e por estar condenado a tal privilégio,

quase desfruto uma salvação odiosa: acredito ser na memória humana o único exemplar de nossa espécie a ter naufragado num navio deserto.

Umberto Eco

RESUMO

“O fenômeno da concordância no processo de aquisição do pronome possessivo por crianças adquirindo o PB”

A dissertação aborda o processo de aquisição do pronome possessivo por crianças brasileiras adquirindo o português do Brasil (PB), focalizando, particularmente, o fenômeno da concordância de gênero entre o possessivo e o nome referente ao objeto possuído. Busca-se caracterizar as etapas envolvidas, levando-se em conta o fenômeno da incongruência de gênero, observado na produção infantil. A hipótese de trabalho é que tal fenômeno é decorrente de processo pós-sintático, i.e., a produção do possessivo incongruente em gênero (“meu bola”, “minha quarto”) seria um reflexo da não associação de certo valor de um traço e um determinado Item de Vocabulário. Resultados experimentais sugerem que crianças, apesar de produzirem “meu bola” ou “minha quarto”, estranham a construção incongruente na compreensão. Tais resultados sustentam a hipótese acima apresentada, sugerindo que o fenômeno da incongruência de gênero se origina no momento de inserção da forma fonológica, e que não seria decorrente de não fixação de traço referente a gênero no possessivo, de concordância semântica com o possuidor ou, ainda, de falha na identificação da relação de concordância sintática entre Possessivo e Nome.

ABSTRACT

This study is concerned with the process of possessive pronoun acquisition by Brazilian children acquiring the Brazilian Portuguese. It is focused on the phenomenon of the gender agreement between Possessive and Noun. Taking in account the gender incongruence observed, the stages in children production of possessives are characterized. The working hypothesis is that such phenomenon is derived of a post-syntactic process, i.e., the production of incongruous gender possessive ("my(m.) ball(f.)", "my(f.) room(m.)") would be a consequence of the non association of a feature value and an Vocabulary Item. Experimental results suggest that children, although producing "my(m.) ball(f.)", "my(f.) room(m.)", react to the incongruous construction in comprehension tasks. Such results support the working hypothesis. They suggest that the incongruous phenomenon takes place at the moment of phonological form insertion. The results reject other explanations like the non fixation of gender feature value, the semantic agreement with the possessor or the identification failure concerning syntactic agreement between Possessive and Noun.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. HIPÓTESE DE TRABALHO	10
1.2. OBJETIVOS	11
1.3. CONTEXTO TEÓRICO E ESCOPO DO TRABALHO	12
1.4. APRESENTAÇÃO DA CATEGORIA LINGÜÍSTICA DO PRONOME POSSESSIVO	14
1.5. PROBLEMAS RELATIVOS À AQUISIÇÃO DO PRONOME POSSESSIVO	17
2. REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1. O PRONOME POSSESSIVO EM PORTUGUÊS	20
2.1.1. A POSSE	20
2.1.2. O PRONOME POSSESSIVO E SUAS PROPRIEDADES SEMÂNTICAS	22
2.1.3. O POSSESSIVO E SUAS CARACTERÍSTICAS DISTRIBUCIONAIS	26
2.2. A FLUTUAÇÃO CATEGORIAL DO POSSESSIVO	32
2.2.1. OS POSSESSIVOS E OS DETERMINANTES	33
2.2.2. O POSSESSIVO E O ADJETIVO	34
2.2.3. OS POSSESSIVOS E OS PRONOMES PESSOAIS/NOMES	38
2.3. O PRONOME POSSESSIVO EM OUTRAS LÍNGUAS	42
2.3.1. O PRONOME POSSESSIVO EM ESPANHOL	43
2.3.2. O PRONOME POSSESSIVO NO ITALIANO	45
2.3.3. O PRONOME POSSESSIVO EM FRANCÊS	46
2.3.4. O PRONOME POSSESSIVO NO INGLÊS	47
2.3.5. O PRONOME POSSESSIVO NO ALEMÃO	48
2.3.6. DISCUSSÃO	50
2.4. A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO	50
2.4.1. A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM PB	51
2.5. A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM OUTRAS LÍNGUAS	52
2.5.1. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO NO ESPANHOL	52
2.5.2. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO NO FRANCÊS	53
2.5.3. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM ITALIANO	55
2.5.4. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM ALEMÃO	56
2.5.5. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM INGLÊS	58
2.5.6. DISCUSSÃO	59
2.6. A CLASSE DE GÊNERO NO PB	60
2.6.1. A AQUISIÇÃO DO GÊNERO EM PB	62
2.7. CONCLUSÃO	63
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	66
3.1. O PROGRAMA MINIMALISTA	66
3.1.1. INCONGRUÊNCIA DE GÊNERO NO PRONOME POSSESSIVO: IDENTIFICAÇÃO DE TRAÇOS OU QUESTÃO DE PRODUÇÃO?	71

3.1.2.	O PRONOME POSSESSIVO NO PROGRAMA MINIMALISTA.....	73
3.2.	PERSPECTIVA SINTÁTICA E SEMÂNTICA DO POSSESSIVO NO PORTUGUÊS.....	83
3.2.1.	A PROPOSTA DE CERQUEIRA (1996).....	83
3.2.2.	A PROPOSTA DE MULLER (1997)	86
3.2.3.	DISCUSSÃO	92
3.3.	O BOOTSTRAPPING FONOLÓGICO	94
3.3.1.	A SENSIBILIDADE AOS POSSESSIVOS.....	96
3.4.	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	100
4.	METODOLOGIA EXPERIMENTAL	103
4.1.	O PARADIGMA DA SELEÇÃO DE OBJETOS.....	103
4.2.	O PARADIGMA DA TAREFA DE SELEÇÃO DE IMAGENS.....	105
4.3.	A COLETA LONGITUDINAL DE DADOS.....	107
5.	DADOS LONGITUDINAIS E EXPERIMENTOS	109
5.1.	ANÁLISE DA COLETA LONGITUDINAL DE DADOS	110
5.2.	EXPERIMENTO 1: SENSIBILIDADE À CONCORDÂNCIA DE GÊNERO ENTRE POSSESSIVO E NOME NO DP 118	
5.2.1.	INTRODUÇÃO:.....	118
5.2.2.	MÉTODO:.....	121
5.2.3.	RESULTADOS E DISCUSSÃO:.....	123
5.3.	EXPERIMENTO 2: SENSIBILIDADE A PROPRIEDADES SINTÁTICAS DO POSSESSIVO NO DP	124
5.3.1.	INTRODUÇÃO.....	124
5.3.2.	MÉTODO.....	128
5.3.3.	RESULTADOS E DISCUSSÃO:.....	130
5.4.	CONCLUSÃO	134
6.	CONCLUSÃO	137
7.	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141

1. INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho consiste em uma caracterização inicial de como se dá o processo de aquisição do pronome possessivo por crianças brasileiras adquirindo o português do Brasil (PB). Particularmente, investiga-se um fenômeno observado na produção inicial de algumas crianças. A partir de dados coletados no banco de dados CHILDES (Child Language Data Exchange System) e de observações de produções de crianças na faixa etária de 22 a 26 meses, verificou-se o uso de formas possessivas pronominais de gênero não concordante com o gênero do nome referente ao objeto possuído como, por exemplo, construções do tipo “meu bola” e “minha vestido”.

O contexto teórico no qual se enquadra esta dissertação é o de uma perspectiva psicolinguística da aquisição da linguagem que visa conciliar um modelo de língua e um modelo de processamento linguístico (Corrêa, 2002; no prelo). A tentativa de se buscar essa conciliação vem da necessidade de se ter tanto elementos linguísticos participantes do processo de aquisição quanto evidências que justifiquem o modo como a criança segmenta informações do input em unidades perceptuais linguísticas.

Uma vez que esta dissertação visa ao estudo da aquisição da linguagem, toma-se como modelo de língua a Teoria Gerativista, que apresenta preocupações com o estágio inicial do processo de aquisição, em um modelo que concebe a linguagem como algo inato, definida biologicamente. Tal teoria trata do problema da aquisição como sendo algo universal, e toma parâmetros a serem fixados pela criança durante seu desenvolvimento linguístico (Modelo de

Princípios e Parâmetros, Chomsky, 1981 e obras seguintes). Os parâmetros de uma determinada língua são adquiridos a partir da identificação de traços peculiares a esta (Programa Minimalista, Chomsky, 1995).

A Teoria Gerativista fornece, portanto, elementos fundamentais para o estudo da aquisição da linguagem. Porém, falta definir o modo como a criança reconhece unidades significativas e a partir de quais dados se dá esse reconhecimento. A fim de satisfazer tais preceitos, esta dissertação se calcará, também, em um modelo de processamento definido como *Bootstrapping* Fonológico (Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al., 1997), que visa ao estudo de como a criança identifica os padrões lingüísticos que irão desencadear o programa biológico pré-determinado.

1.1. HIPÓTESE DE TRABALHO

A hipótese que orienta essa dissertação é a de que o percurso de aquisição do pronome possessivo pela criança envolve certas seqüência na produção. Essa seqüência consiste, inicialmente, no uso da forma genitiva para designar a posse e, somente mais tarde, no uso efetivo do pronome possessivo. Entre o primeiro momento e o momento final, algumas crianças apresentam variações quanto à concordância do item possessivo e o nome que designa o objeto possuído. Nessa fase intermediária, a criança pode apresentar incongruência na concordância de gênero entre o possessivo e o nome (“meu bola”, “minha carro”) e pode, ainda, produzir uma forma possessiva de gênero subespecificado (“mi bola”, “mi carro”). Esse tipo de produção da fase intermediária

alterna-se com produções em que a concordância de gênero se apresenta de forma congruente.

Busca-se, portanto, na concepção do modelo de sistema computacional proposta pelo Programa Minimalista (Chomsky, 1999), um embasamento teórico que justifique o fenômeno da incongruência de gênero em construções possessivas. Uma vez que a criança reconhece o estabelecimento da concordância de gênero entre possessivo e nome na compreensão, mas produz formas ora congruentes, ora incongruentes, ou ainda subespecificadas em gênero, um modelo que distingue processos pré-sintáticos, sintáticos e pós-sintáticos pode ser útil para dar conta dessa diferença entre compreensão e produção. Resumidamente, o modelo de sistema computacional estabelece como processo pré-sintático, aquele que depende da formação do léxico e da caracterização dos traços como intrínsecos ou opcionais e interpretáveis; como processo sintático, o que envolve as operações do sistema computacional em si e operam uniformemente para todas as línguas; e como processo pós-sintático, o que se relaciona à questão da associação de Itens do Vocabulário.

1.2.OBJETIVOS

Esta dissertação tem como objetivo geral descrever o reconhecimento do item possessivo e o processamento da concordância que este realiza na sentença durante sua aquisição no português brasileiro, com base em dados coletados longitudinalmente e experimentos realizados com crianças de 22 a 34 meses, fase em que a criança apresenta uma produção lingüística ainda bastante limitada. Assim, pretendeu-se demonstrar, em uma fase inicial, quais

os pré-requisitos necessários para que a criança adquira o pronome possessivo no PB.

Busca-se, ainda, caracterizar as etapas envolvidas no percurso de aquisição do pronome possessivo, no que diz respeito à produção da criança, levando-se em conta o fenômeno de incongruência de gênero entre possessivo e nome, observado na produção de algumas crianças.

Os objetivos específicos são:

- Avaliar a sensibilidade da criança aos pronomes possessivos do português e à sua posição estrutural no SD;
- Avaliar o reconhecimento, pela criança em torno de dois anos, do estabelecimento de concordância sintática de gênero entre possessivo e nome no Sintagma Determinante (DP);
- Caracterizar o fenômeno da incongruência de gênero entre possessivo e nome, observado na produção infantil, de acordo com um modelo de língua e um modelo de processamento.

1.3.CONTEXTO TEÓRICO E ESCOPO DO TRABALHO

O modelo de língua gerativista em que se baseia esta dissertação visa determinar o estado inicial em que se encontra uma criança exposta a um *input* de uma língua qualquer, assim como o estado final estável da aquisição dessa língua. Dessa forma, é necessário que o pronome possessivo seja inserido

nessa teoria de língua para que se possa definir não apenas o estado inicial de sua aquisição, como também todo o processo que se segue até o estado estável da aquisição. Para isso, é preciso designar um modelo de língua que dê conta de explicar a aquisição do possessivo por qualquer falante normal (sem deficiências cognitivas específicas da linguagem) de qualquer língua do mundo. Recorre-se, portanto, ao Programa Minimalista (Chomsky, 1995 e obras posteriores), já que essa teoria apresenta a língua como resultado de processo computacional complexo, comprometendo-se com a questão da aquisição da linguagem.

Assim, orientando-se a partir dos pressupostos da Teoria Gerativista, considera-se a existência de um mecanismo inato e, portanto, universal que permite ao ser humano adquirir qual(is)quer língua(s) a que seja submetido até uma certa idade¹. Esse mecanismo inato possui base biológica e consiste em uma Gramática Universal (GU) internalizada. No Programa Minimalista, a GU é concebida como o estado inicial do processo de aquisição da linguagem, correspondendo a um sistema computacional lingüístico que atua sobre os dados do *input*. Nessa perspectiva, a aquisição da linguagem pode ser vista como um processo de fixação de valores com base nas informações do *input* lingüístico oferecido.

Também é importante relacionar a informação relativa ao pronome possessivo a uma teoria do processamento lingüístico e de aquisição da lingua-

¹ De acordo com a Hipótese do Período Crítico (Lenneberg, 1967), haveria um período ótimo para a aquisição de uma ou mais línguas naturais pela criança. Após uma certa idade, o conhecimento adquirido relativo à língua dificilmente seria semelhante ao de um falante nativo (ver Gleitman & Newport, 1995 para discussão).

gem. Essa teoria psicolingüística se baseia no fato de que a criança, ao processar o material lingüístico, extrai dele a informação relevante para a aquisição. Resultados de pesquisas mostram que, desde muito cedo, crianças são sensíveis às propriedades fônicas do material lingüístico (Jusczyk, 1997). Portanto, um modelo psicolingüístico que considera esse pressuposto, assume que a criança, ao discriminar os dados que recebe do *input* de uma determinada língua, o faz a partir do material fônico dessa língua (*Bootstrapping Fonológico*, Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al., 1997).

1.4. APRESENTAÇÃO DA CATEGORIA LINGÜÍSTICA DO PRONOME POSSESSIVO

Os pronomes possessivos em português designam a noção de posse de determinado(s) objeto(s) em referência às três pessoas do discurso. Podem, além disso, exprimir outras relações de dependência, partes componentes de um todo, atributos de um ser, parentesco, etc (Neves, 2000).

	MASCULINO		FEMININO	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª Pes.Sing.	meu	meus	minha	minhas
2ª Pes.Sing.	teu/seu	teus/seus	tua/sua	tuas/suas
3ª Pes.Sing.	seu/dele	seus/deles	sua/dela	suas/delas
1ª Pes.Sing.	nosso	nossos	nossa	nossas
2ª Pes.Sing.	vosso	vossos	vossa	vossas
3ª Pes.Sing.	seu/dele	seus/deles	sua/dela	suas/delas

Tabela 1.1 - Pronomes possessivos substantivos e adjetivos da língua portuguesa

O possessivo seu(s), sua(s) refere-se tanto à 3ª pessoa do singular, como à 3ª do plural e aplica-se, além disso, à pessoa com quem se fala, correspondendo ao tratamento de você, o senhor, Vossa Senhoria, etc. Distingue-se o possuidor pelo sentido da frase ou pelo uso da forma analítica para as tercei-

ras pessoas do discurso. As formas analíticas são formadas pelo uso de uma preposição mais um Nome ou um pronome pessoal reto. As forma referentes à terceira pessoa do singular e do plural (*vosso/a* e *vossos/as*) estão em desuso na língua portuguesa padrão.

Os pronomes possessivos desempenham as funções de substantivos e adjetivos, apresentando um esquema de representações formais específico para cada uma dessas funções. Na nomenclatura da Gramática Tradicional, esses pronomes chamam-se, respectivamente, Pronomes Possessivos Substantivos que ocupam a posição de sujeito ou complemento e Pronomes Possessivos Adjetivos que exercem a função de adjunto adnominal. Nesse segundo caso, o possessivo pode apresentar uma forma analítica (ou genitiva), comumente usada para desfazer a ambigüidade do possessivo de terceira pessoa, que pode também ser usado para a segunda pessoa.

- (1) Aquele cachorro branquinho é *meu*.
- (2) Aquele cachorro branquinho é o *meu*.
- (3) O *meu* cachorro é branquinho.
- (4) O cachorro branco é *dela*.

A presença ou não de determinantes junto ao possessivo pronominal (ou sintético), pode ser responsável por uma diferenciação semântica. Em (1), o possessivo exprime somente a idéia de posse, ou seja, “aquele cachorro é de minha propriedade”. Em (2), o possessivo qualifica o objeto, de forma a distingui-lo dos demais: “aquele é o cachorro que só pertence a mim e a mais ninguém”.

Outra característica dos possessivos sintéticos em português é o fato destes manterem uma relação referencial com o possuidor e uma relação sintática de concordância de gênero e número com o termo referente ao objeto possuído, o que os diferencia em essência dos adjetivos. Já os possessivos analíticos mantêm uma relação de dupla concordância com a terceira pessoa do discurso.

(5) A *minha* casa.

(6) A casa *dele*.

Considerando que tanto (5) quanto (6) se refere à casa de uma pessoa do sexo masculino, nota-se que a forma possessiva “minha” do exemplo (5) concorda em gênero com “casa”, não sendo possível a identificação do sexo da pessoa referente. Já a forma possessiva “dele” do exemplo (6), não concorda em gênero com “casa” e deixa explícito o sexo masculino do referente.

O fato de o possessivo sintético poder aparecer tanto anteposto quanto posposto ao Nome, comprova uma certa mobilidade dessa forma possessiva dentro da sentença, o que não acontece com os artigos:

(7) Aqueles *seus* alunos são muito inteligentes.

(8) Aqueles alunos *seus* são muito inteligentes.

(9) O quadro é lindo.

(10) *Quadro o é lindo.

De acordo com essa primeira apresentação do item funcional possessivo, pode-se verificar que seu comportamento no PB é bastante diversificado. Essa diversificação pode ser relativa tanto à posição que o possessivo ocupa na sentença, quanto ao fato de estar ou não acompanhado de determinantes, assim como ao tipo de determinante que o acompanha (ver seção 2.2). Sua caracterização semântica também parece correlacionar-se com seus aspectos sintáticos (ver seção 2.1.1.2). Dessa forma, tentar-se-á ao término dessa dissertação, através de discussões levantadas por alguns autores, definir uma caracterização categorial do possessivo, a qual servirá como base de estudo para este trabalho.

1.5. PROBLEMAS RELATIVOS À AQUISIÇÃO DO PRONOME POSSESSIVO

Embora haja evidências que as crianças falantes do PB adquirem, em um primeiro momento, as formas possessivas analíticas ou genitivas, este trabalho dará ênfase ao estudo da aquisição das formas sintéticas de primeira pessoa, uma vez que o fenômeno investigado nesta dissertação se desenvolve a partir de produções de estruturas como “minha vestido” e “meu bola”. O estudo sobre as formas analíticas servirá de suporte para o estudo das formas sintéticas. Portanto, busca-se respostas para questões do tipo: o fator responsável pelo comportamento da fala da criança encontra-se em um nível estritamente sintático ou também tem a ver com o nível semântico conceptual do possessivo? O que há de comum entre o possessivo do PB e o das demais línguas pesquisadas? Será que o fator desencadeador desse fenômeno está, exatamente, no fato do possessivo se relacionar morfológicamente com a pessoa do discurso e estruturalmente com o objeto possuído, considerando que esta é a

única característica deste comum nas línguas românicas estudadas? Quanto ao processo computacional que envolve a aquisição da linguagem, pode-se dizer que o fenômeno investigado tem origem na fase de compreensão ou na de produção? Ou ainda, quem sabe, na de ambas?

Quanto ao comportamento da criança, é importante tentar identificar quais os mecanismos considerados por esta ao realizar a concordância de gênero com a pessoa do discurso, e não com o gênero do nome referente ao objeto possuído. Como se dá o processamento da aquisição do possessivo no português do Brasil.

A dissertação se desenvolve da seguinte maneira: no capítulo 2, inicialmente, serão expostas diferentes visões sobre o possessivo, levando em consideração características semânticas, distribucionais e categoriais. Em seguida, será apresentado o comportamento do pronome possessivo em outras línguas como espanhol, italiano, francês, inglês e alemão, as quais também serão discutidas em termos de aquisição, juntamente com o português. Finalizando, comenta-se sobre a classe de gênero no PB e dados sobre sua aquisição. O capítulo 3 é o capítulo no qual se apresenta a base teórica que norteia esta dissertação: o modelo de língua do Programa Minimalista e o modelo psicolinguístico do Bootstrapping Fonológico. Nesse momento, busca-se evidências que fundamentem a hipótese do trabalho. No capítulo 4, é descrita a metodologia utilizada nos experimentos realizados. Os experimentos, por sua vez, são descritos no capítulo 5, juntamente com os resultados. O capítulo 6, cabe à conclusão.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo tem como objetivo apresentar as propriedades do possessivo, através de diferentes visões de alguns autores sobre o assunto. Inicialmente, serão apresentadas as propriedades do possessivo em PB e em outras línguas, promovendo a caracterização de seu comportamento em termos semânticos, distribucionais e categoriais. Dessa forma, será visto que:

- semanticamente, o possessivo vai além da noção de posse;
- distribucionalmente, a posição do possessivo no sintagma, assim como a aceitação de determinante junto a ele, variam de uma língua a outra. Tais características têm reflexo na semântica;
- categorialmente, o possessivo apresenta características tanto de determinante quanto de adjetivo e de pronome pessoal no PB.

Uma vez expostas essas propriedades do possessivo, serão apresentados dados de aquisição do possessivo no português e em outras línguas. Para finalizar, será apresentada uma pesquisa acerca da aquisição de gênero por crianças adquirindo o português. Com isso, busca-se identificar que propriedade(s) poderia(m) estar na origem do fenômeno estudado – a incongruência de gênero.

2.1. O PRONOME POSSESSIVO EM PORTUGUÊS

2.1.1. A POSSE

O possessivo nem sempre designa posse, da mesma forma que a posse pode ser representada por outros elementos sintáticos, além deste.

Além dos pronomes possessivos, a posse em si pode ser representada pela forma genitiva constituída pela preposição *de* seguida de pronome pessoal, pronome de tratamento, substantivo ou nome próprio:

(1) O carro *dele* não é tão bonito quanto o *meu*.

(2) Esses lixos são *de vocês*?

(3) O prato *do menino* continuava vazio.

(4) Essa bola é *do Lucas*.

Nos exemplos citados tem-se diferentes formas de possessivos que também apresentam classificações distintas. As formas genitivas *dele* e *do menino* são possessivos adjetivos segundo a gramática tradicional, enquanto os genitivos *de vocês* e *do Lucas*, que são predicativos do sujeito e o pronome possessivo *meu*, que mantém uma relação anafórica com o sintagma nominal antecedente *o carro*, são possessivos substantivos. Neste último caso, não existe uma relação estrutural de concordância, mas sim uma relação de recuperação de antecedente.

A idéia de posse pode, ainda, ser expressa por outras formas. O primeiro desses recursos pode ser caracterizado pelo emprego do pronome oblíquo com valor possessivo:

(5)- Beijo-*te* as mãos mil vezes se preciso.

(6)- Segurou-*me* as mãos antes de dizer qualquer palavra.

(7)- Cuidado! Vê se não *me* suja o tapete.

Esse uso ocorre com verbos que indicam movimento ou pressupõem que alguém sofra ou receba algo. Os pronomes oblíquos átonos se aplicam, freqüentemente, a nomes referentes a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular.

Outro recurso adicional para se indicar posse é o uso do artigo em substituição ao pronome como em:

(8)- Meu pai tocava violão, mas *a* família toda é de uma sensibilidade musical muito grande.

Nesse caso, pode-se interpretar o uso do artigo não como substituindo o possessivo, mas sim recuperando-o.

Segundo Monteiro (1994), a noção de posse também pode ser afetada pelas várias combinações entre o número semântico do possuidor e o do possuído e a forma distributiva ou coletiva com que se estabelece a relação de posse. Esses fatores são responsáveis por ambigüidades como o fato de *nos-*

so(s) poder referir-se ao falante e ao(s) ouvinte(s), ao falante e a outra(s) pessoa(s), ou ainda ao falante, ao(s) ouvinte(s) e a outra(s) pessoa(s):

- (9) a. *Nossos* filhos são lindos, não é mesmo? (*nossos*=meus e teus)
- b. *Nossos* filhos são lindos, não é mesmo? (*nossos*=meus e do meu marido)
- c. *Nossos* filhos são lindos, não é mesmo? (*nossos*=meus, teus e dos *nossos* maridos)

Nesses exemplos, a relação de posse entre o possessivo e os possuidores só será realizada com sucesso se houver uma inferência situacional competente por parte do ouvinte, para que se possa desfazer a ambigüidade da forma possessiva *nossos*.

Resumindo, pode-se dizer que a noção de posse é complexa, primeiro porque, como vimos, outras formas podem apresentar o sentido de posse, além do pronome possessivo *e*, segundo, porque depende de informações anteriores, ou até mesmo externas, para se realizar. Por último, porque, como será visto a seguir, existe o fato de o próprio possessivo não ser exclusivo para a designação de posse.

2.1.2. O PRONOME POSSESSIVO E SUAS PROPRIEDADES SEMÂNTICAS

Neves (2000), em sua análise dos usos do PB, identifica diferentes valores semânticos atribuídos ao possessivo, sendo a noção de posse apenas uma das relações indicadas pelo seu uso. Para classificar os diferentes tipos de possessivos, Neves os separa quanto ao tipo de substantivo que os acompa-

nham, por exemplo, se concreto ou se valencial (predicador). Em um segundo momento, apresenta particularidades de construções possessivas diversas, demonstrando com exemplos o que o possessivo pretende expressar em cada uma dessas possibilidades de construção. Portanto, além da posse propriamente dita, ou como expansão da noção de posse, o possessivo pode indicar em alguns casos indeterminação numérica, provocação, intimidade, respeito, família, etc., como apresentado abaixo, respectivamente.

(10)- Ela já teve *seus* dias de glória. Hoje é apenas uma mulher comum.

(11)- Fica quieto, *seu* otário!

(12)- Obrigada, *minha* querida, você é ótima.

(13)- *Seu* Luiz é, sem dúvida, um excelente alfaiate.

(14)- Você deve respeito aos *seus*.

Dapena (1982, apud Monteiro, 1994) também aponta que o possessivo apresenta diversos conteúdos relacionais, como: posse, benefício, interesse, participação, procedência, matéria, situação, parcela, etc.

No que se refere especificamente à noção de posse, E.Wolf (1974, apud Monteiro, 1994) admite que tal noção só pode ser sugerida em um determinado contexto. Costa (1981, apud Monteiro, 1994) diz que a noção de posse depende de duas condições: a) que o possuidor seja sujeito, e b) que o objeto designado seja *possuível*. Já Barreiro (1982, apud Monteiro, 1994) destaca que a relação de posse pede que o possuidor seja marcado com os traços [+animado] e [+humano] e o objeto possuído seja caracterizado pela ausência desses traços. Nos casos em que o pronome possessivo não expressa posse,

pode-se dizer que essas condições não foram preenchidas. A posse da qual tratam os autores é a posse em seu sentido literal, ou seja, no sentido de realmente se ter algo.

De uma forma mais simplificada, Pamies (2003 apud Regis, 2003) sugere dois tipos de posse designada pelo uso do pronome possessivo: posse restrita e posse ampla. Nos exemplos a seguir, pode-se observar a diferença do sentido de posse do possessivo *minha*:

(15)- *Minha* caneta, que comprei outro dia, não tem mais tinta.

(16)- *Minha* filha está a cada dia mais desobediente.

(17)- *Minha* rua é bem iluminada.

A posse restrita é a posse por direito, ou seja, diz respeito a algo que tenha sido obtido por alguém. Em (15) está claro que a caneta pertence a alguém porque esse alguém a comprou. Em (16), apesar de a filha não ter sido comprada por ninguém, Pamies considera o sentido de posse restrita, assumindo que, enquanto filha, ela pertence a seus pais. A posse ampla está ilustrada no exemplo (17) e refere-se a elementos não obtidos em direito, ou seja, a rua não pertence a ninguém.

Na verdade, a distinção entre esses dois tipos de posse não é realizada verbalmente e sim inferida pelas propriedades semânticas do nome com o qual o possessivo estabelece relação. Tais propriedades são constituídas dentro de uma determinada comunidade lingüística, o que lhes atribui características cul-

turais. Por exemplo, em uma determinada comunidade, “filha” pode ser entendida como sendo realmente uma propriedade do “pai”, que pode vendê-la como se fosse um objeto qualquer. Neste caso, dentre as propriedades semânticas do nome que remete a “filha”, haverá um traço de posse. Em uma outra comunidade, o nome referente a “filha” não terá esse traço.

Ainda em *Minha foto*, por exemplo, o possessivo pode significar a foto que eu possuo, a foto que eu tirei ou ainda a foto em que apareço, o que sugere que a noção de posse, em alguns casos, depende do contexto de seu uso (ver também a discussão de Muller a respeito, no capítulo 3, seção 3.2). O contexto também ajuda a desfazer a ambigüidade produzida pelo uso do pronome possessivo de 3ª pessoa, que pode também ser empregado em referência à 2ª pessoa, de acordo com os possíveis sentidos de posse distributiva ou coletiva.

A pluralidade de sentidos expressa pelo pronome possessivo, assim como a necessidade de uso do conhecimento contextual para a inferência de significados deste, demonstram quão complexo é seu estudo. Há, também, questões ligadas a propriedades semânticas remetendo à noção mais ampla de posse, que parecem depender da relação entre comunidade lingüística e cultura (cf. exemplo 16). Aliada a esses fatores existe ainda a questão - importante, se pensarmos na criança adquirindo a língua – que é a da transferência de pessoa em uma interação. Isto é, quando se diz “me dê seu caderno” o possessivo *seu* deve ser transformado em *meu* pelo ouvinte.

Essa dissertação mantém o foco de estudo no uso do possessivo com o sentido de posse, já que é o sentido usado preferencialmente na produção inicial da criança, seja no sentido amplo (meu papai) ou restrito (meu carro).

Outra propriedade importante no estudo dos possessivos, e que será vista a seguir, são as variadas possibilidades de distribuição destes dentro da sentença. Tal propriedade também tem reflexos em sua conotação semântica e até em sua função na estrutura oracional. Essa última colocação vale para a nomeação dada ao possessivo na gramática tradicional: adjetivo ou substantivo, dependendo de sua posição na sentença.

2.1.3. O POSSESSIVO E SUAS CARACTERÍSTICAS DISTRIBUCIONAIS

O possessivo varia também quanto à sua posição na sentença. Essa variação pode ou não estar relacionada com a forma que ele apresenta. Em sua tese de doutorado, Cerqueira (1996) analisa a distribuição das formas possessivas em PB, partindo do pressuposto da existência de dois grupos de possessivos, de acordo com sua posição na sentença. Desta forma, distingue os possessivos que podem se posicionar tanto pré- quanto pós-nominalmente, denominando-os de *formas sintéticas*, e os que ocupam apenas a posição pós-nominal, que seriam as *formas analíticas* – exclusivas da 3ª pessoa (dele(s), dela(s)). As principais diferenças entre as formas apresentadas pelo possessivo é o tipo de concordância que realizam e o fato de aceitarem ou não a presença de um artigo. Assim, verifica-se que as formas sintéticas concordam em gênero (e número) com o gênero (e número) do nome referente ao objeto possuído e apresentam a pessoa do discurso marcada morfologicamente. Na posi-

ção pré-nominal, a presença ou não de determinantes não altera o valor do possessivo sintético (exemplos 18a e 18b). Já em posição pós-nominal, há uma repercussão semântica quanto à presença ou à ausência de determinantes (exemplos 19a e 19b). Quanto às formas analíticas (ou genitivas), concordam em gênero e número com o possuidor e não admitem a presença de determinantes lhes antecedendo imediatamente, embora os exija antecedendo o nome (exemplos 20a e 20b)

- (18) a- *Meus* livros.
b- Os *meus* livros.
- (19) a- Livro *meu* tem capa.
b- Aquele livro *meu* tem capa.
- (20) a- *Livro dele tem capa.
b- O livro dele tem capa.

Ainda quanto à posição que o possessivo ocupa na sentença, Cerqueira diz que o possessivo pré-nominal indica uma relação de posse entre possuidor e possuído e tem como característica básica o fato de que o conjunto de objetos pressuposto pelo possuidor ser igual ao conjunto denotado pelo sintagma, ou seja, a interpretação engloba ambos os elementos. Por exemplo, em 'meu livro' e 'suas idéias' o todo é considerado, o possessivo determina o elemento. Já o possessivo pós-nominal tem a propriedade de delimitar o conjunto determinante, ou seja, o conjunto denotado pelo possessivo é maior que o conjunto denotado pelo sintagma. Por exemplo, em 'um livro meu' e 'algumas idéias suas' apenas uma parte do conjunto possuído está sendo considerada. Para fe-

char sua explanação, Cerqueira diz que as duas posições não são opções estilísticas, e sim resultados de traços do SN.

Borges Neto (1986, apud Monteiro, 1994) classifica o possessivo como tendo valor *referencial* ou *atributivo*, caso se apresente antes ou depois do nome, respectivamente.

(21)- *Meu* filho será médico.

(22)- Filho *meu* não será médico.

No primeiro exemplo, o possessivo traz todas as características de uma descrição referencial, enquanto no segundo não há a implicação de uma suposição de existência, ou seja, a frase pode ser proferida mesmo que não se tenha um filho.

A essa observação, Monteiro (1994) acrescenta a possibilidade de o valor referencial do possessivo aparecer também em casos em que este se posiciona depois do núcleo nominal. Isto acontece quando um artigo indefinido precede o nome, caso típico de posposição de possessivo, uma vez que este não segue imediatamente o indefinido.

(23)- Pedirei a um filho meu para trazer o documento.

Borges Neto defende, ainda, que o pronome possessivo anteposto ao nome equivale a uma relação de posse + artigo definido. Muller (1997), no entanto, discorda, uma vez que o artigo alterna com demonstrativos, além de al-

ternar com o vazio. Outro fator que corrobora essa idéia é o fato de nem sempre a anteposição do possessivo implicar a existência ou referencialidade do SN possessivizado. No exemplo que se segue, o sintagma *minhas amizades* não aponta necessariamente para amigos determinados, mas possui um sentido abstrato como *fazer amizades*:

(24)- Passei muito tempo naquele ambiente escolar. Fiz *minhas amizades* e fui muito feliz.

A presença ou não do artigo junto ao possessivo também pode influenciar na conotação semântica do enunciado. Neste caso, Méier (1973, apud Monteiro, 1994) nomeia o possessivo precedido de artigo como sendo *qualificador* e o não precedido de *identificador*, mas de todo modo, Monteiro (1994) não descarta a possibilidade de que alguns fatores estruturais atuem na seleção de uso ou não uso do artigo e reafirma a tese de que os possessivos possuem um valor unicamente atributivo qualquer que seja sua posição na sentença, já que, para o autor, trata-se das formas adjetivas dos pronomes pessoais.

Neves (2000) também atribui diferentes funções aos possessivos, de acordo com suas posições distribucionais. Assim, para autora, sintaticamente o possessivo é determinante do nome quando se antepõe a este (24), podendo se deslocar para depois do nome (25), ou é predicativo de nomes ou pronomes pessoais quando seguir um verbo de ligação (26):

(25)- *Meu* anel é bonito.

(26)- Aquele anel *meu* é bonito.

(27)- Aquele anel bonito é *meu*.

Muller (1997) defende que a posição do possessivo na sentença determina suas propriedades sintáticas e semânticas. A autora propõe em sua tese a existência de um tipo de relação bastante íntima entre a sintaxe e a semântica do possessivo. A partir de dados estatísticos, destaca que o possessivo anteposto ao núcleo nominal é mais recorrente que o posposto. Outra observação feita pela autora a partir desses dados é que o possessivo anteposto parece ser incompatível com a indefinidade², ao passo que o posposto não o é:

(28)- *Minha tia* não gosta muito de barulho.

(29)-? *Uma minha tia* não gosta muito de barulho.

(30)-? *Tia minha* não gosta muito de barulho.

(31)- Uma *tia minha* não gosta muito de barulho.

Muller (1997), concordando com Borges Neto (1978, apud Muller, 1997), sugere que, semanticamente, o possessivo anteposto ao núcleo tenha um valor *delimitativo* (semelhante ao dos artigos, quantificadores e demonstrativos) e que o possessivo posposto ao núcleo tenha um valor de um *predicado* aplicado ao nome (semelhante ao dos adjetivos). Assim, diz que apesar de o pronome possessivo apresentar uma característica delimitadora na posição anteposta ao

² Alexiadou (2004) faz referência à (in)definitude de construções possessivas do inglês e de línguas semitas sob um aspecto mais amplo e sugere que a (in)definitude do possuidor é que determina a (in)definitude do SD possessivo. Esse pressuposto só é válido para o português no caso de construções possessivas genitivas, pois são as únicas que permitem um possuidor indefinido. Ex: A fazenda de um homem.

nome, não se pode dizer que sempre que houver uma estrutura [Poss[N]] ocorra uma incorporação do significado do artigo definido ao pronome possessivo (Borges Neto, 1978). Para exemplificar, cita as construções vocativas (32), as construções em que a presença do artigo impede a atribuição do mesmo predicado a duas entidades (33) e aquelas em que o SN com um pronome possessivo anteposto não possui necessariamente uma interpretação existencial (34):

(32) a- Meu filho! Venha cá!

b- *O meu filho! Venha cá!

(33) a- Jorge é meu amigo e Carlos também.

b- *Jorge é o meu amigo e Carlos também.

(34) a- Eu vim aqui como seu amigo.

b- ?Eu vim aqui como o seu amigo.

No par do exemplo (32), é clara a impossibilidade da presença do artigo no uso vocativo. O contraste entre a e b de (33) mostra que o pronome possessivo anteposto não carrega a implicação de unicidade do artigo definido, já que a presença deste impede a atribuição do mesmo predicado a duas entidades. Os exemplos de (34) explicitam que o sintagma nominal com um pronome possessivo anteposto não possui necessariamente uma interpretação existencial. Esse comportamento do possessivo anteposto é semelhante ao comportamento dos nomes próprios (ver 2.2.3).

Quanto ao pronome posposto, Muller diz que apenas este aceita a modificação por advérbio, o que o aproxima mais dos adjetivos.

A partir dessas propostas, observa-se que, segundo a autora, a posição que o possessivo ocupa na sentença, assim como a forma que ele apresenta - se genitiva ou se pronominal - determinam suas propriedades semânticas. Pode-se dizer também que, em alguns tipos de construções, o traço de posse plena depende de uma intenção, pois, como visto, nem sempre a forma possessiva designa posse. Da mesma forma, existe a possibilidade de outros elementos sintáticos conterem uma certa noção de posse. Isso faz com que se possa pensar em posse enquanto uma categoria semântica bastante ampla, o que não é o intuito desta dissertação. O que interessa, aqui, é a posse semântica exclusiva das formas possessivas e, em um sentido mais estrito, dos pronomes possessivos de primeira pessoa do singular, como será visto adiante.

Foi visto também que as propriedades do possessivo o levam a uma certa flutuação categorial, com um comportamento que pode oscilar entre determinante, nome e adjetivo. A seguir, serão demonstradas propostas de alguns autores a esse respeito.

2.2. A FLUTUAÇÃO CATEGORIAL DO POSSESSIVO

Sintaticamente, o pronome possessivo caracteriza-se como um item funcional. Itens funcionais distinguem-se de itens lexicais por não atribuírem papéis temáticos a seus complementos (Abney, 1987); por não possuírem conteúdo descritivo (Radford, 1997), embora possuam informações sobre propriedades gramaticais, tais como número, gênero e caso; por pertencerem a classes fechadas e por serem previsíveis pelo contexto sintático, além de freqüentes no enunciado (Shi, Werker & Morgan, 1999).

No entanto, em termos semânticos e distribucionais, o pronome possessivo pode se assemelhar ora com elementos da categoria funcional determinante, ora com elementos das categorias lexicais nome e adjetivo. Entende-se aqui como possessivo a forma pronominal de designar posse, que concorda, no português, em pessoa com o nome que remete ao possuidor e em gênero e número com o nome que remete ao possuído. A seguir, serão vistas propostas que alimentam essa discussão sobre a flutuação categorial dos pronomes possessivos.

2.2.1. OS POSSESSIVOS E OS DETERMINANTES

Há discussões a respeito da definição do possessivo como determinante, junto com artigos, demonstrativos e quantificadores. Alguns autores (por exemplo, Radford, 1997) consideram essa possibilidade pelo fato de os possessivos, em inglês, assim como os demais itens determinantes, apresentarem uma propriedade referencial. Porém, percebem-se comportamentos distintos entre tais itens no PB. Por razões exploradas mais adiante (seção 3.1.2), neste trabalho serão considerados como determinantes apenas os artigos definidos e indefinidos, assim como os demonstrativos.

As principais peculiaridades dos possessivos que os distinguem dos demais determinantes são:

I- Possibilidade de co-ocorrência junto a determinantes:

(35)- *Todos os meus* alunos são ótimos.

II- Mobilidade na sentença.

(36)- a- Aquele *meu* vizinho é muito sábio.

b- Aquele vizinho *meu* é muito sábio.

Como já foi dito, tais características serão detalhadamente discutidas e exemplificadas na discussão teórica, capítulo 3. Por hora, fica definida a não inclusão dos possessivos na categoria dos determinantes.

2.2.2. O POSSESSIVO E O ADJETIVO

O pronome possessivo, enquanto integrante de uma classe fechada, é considerado um item funcional. Apesar disso, seu comportamento assemelha-se bastante com o adjetivo que, como integrante de uma classe aberta, é um item lexical. Além de ambos ocuparem as mesmas posições na sentença - pré-nominal, pós-nominal e predicativa -, atuam no sentido de adicionarem propriedade ao núcleo nominal:

(37)- a. *Meu* carro/*Linda* flor.

b. Carro *meu*/Flor *linda*.

c. O carro é *meu*/A flor é *linda*.

Gonzaga (2003) sugere que os possessivos, no português europeu, sejam tratados como uma subclasse dos adjetivos. Para isso, busca não somente as semelhanças, mas também as peculiaridades de cada item, responsáveis por projeções distintas dentro do SD.

Gonzaga classifica adjetivos e possessivos de acordo com as possibilidades de ocorrências destes dentro da sentença. Desta forma, destaca:

(i)- adjetivos que aparecem apenas anteposto ao nome núcleo:

- (38) a. O *suposto* assassino.
b. *O assassino *suposto*.

(ii)- adjetivos que aparecem apenas posposto ao nome núcleo:

- (39) a. A fauna *silvestre*.
b. *A *silvestre* fauna.

(iii)- adjetivos que ocupam posições tanto pré- quanto pós-nominais:

- (40) a. O homem *grande*.
b. O *grande* homem.

Este último tipo de adjetivo muda o significado dependendo da posição – anteposto ou posposto ao nome. Em (a), nota-se que o adjetivo *grande* muda a denotação do nome *homem*, enquanto em (b), *grande* soa como uma opinião particular do falante. Outros grupos de adjetivos podem ocorrer antepostos ou pospostos ao nome sem que haja mudança no significado:

- (41)- a. A casa *linda*.
b. A *linda* casa.

Porém, Gonzaga não discute quais peculiaridades podem distinguir esses dois grupos de adjetivos com ocorrência tanto antepostos quanto pospostos ao núcleo nominal.

Quanto aos possessivos, Gonzaga destaca que sua colocação na sentença depende do tipo de determinante que o acompanha:

(i) com artigo indefinido, o possessivo ocorre apenas posposto ao nome:

- (42)- a. Um amigo *meu*.
b. *Um *meu* amigo.

(ii) com artigo definido, o possessivo ocorre, geralmente, anteposto ao nome:

- (43)- a. A *minha* amiga.
b. ?A amiga *minha*.

(iii) com demonstrativos, o possessivo ocorre tanto anteposto quanto posposto ao nome:

- (44)- a. Este *meu* amigo.
b- Esta amiga *minha*.

A partir dessas considerações, Gonzaga postula que a posição ocupada pelos possessivos correlaciona-se com a (in)definitude do núcleo D e também

determina diferentes significados ao possessivo. Quando em posição prénominal, o possessivo adiciona a informação de posse ao nome núcleo e, quando em posição pós-nominal, muda a extensão do nome, funcionando como um simples adjetivo. Assim, Gonzaga propõe que se considere o possessivo anteposto ao nome como sendo pronome possessivo e o posposto como adjetivo possessivo.

Em seu trabalho, Gonzaga não trata da posição predicativa ocupada tanto por adjetivos quanto por possessivos e coloca como principal diferença entre adjetivos e possessivos o fato de estes terem suas posições e seus significados relacionados com a (in)definitude de D, enquanto aqueles dependem de questões puramente semânticas para determinar sua posição e seu significado na sentença.

Existem, porém, outras características peculiares a cada um desses itens. O tipo de concordância realizada pelos possessivos, por exemplo, não é a mesma que a dos adjetivos: os adjetivos não realizam concordância de pessoa como os possessivos. Contudo, a principal diferença está no que os difere enquanto item funcional ou lexical. Os adjetivos, enquanto itens lexicais, possuem conteúdo semântico e podem atribuir papel temático a seus argumentos. Já os possessivos, enquanto itens funcionais, não possuem conteúdo semântico, embora atuem na denotação do núcleo nominal.

2.2.3. OS POSSESSIVOS E OS PRONOMES PESSOAIS/NOMES

Para Monteiro (1994), os possessivos constituem uma espécie de pronome pessoal, derivando-se diretamente das formas oblíquas:

/me/ + /u/ > meu(s) - /min/ + a > minha(s)

/te/ + /u/ > teu(s) - /tu/ + a > tua(s)

/se/ + /u/ > seu(s) - /su/ + a > sua(s)

/nos/ + /u/ > nosso(s), nossa(s)

Para isso, o autor minimiza o traço de posse e evidencia o traço adjetivo dos possessivos, acrescentando que a idéia de posse nem sempre é fundamental, já que os possessivos podem também transmitir outros sentidos (cf. visto em 2.1), como o de aproximação ou o de reverência:

(45)- Na época, Júnior estava com *seus* quinze anos.

(46)- *Meus* senhores, quero lhes pedir desculpas.

O autor questiona o conceito gramatical que designa a classe dos pronomes em geral, defendendo que este não corresponde à realidade do uso. Como exemplo, cita que o pronome nem sempre substitui um nome e que, da mesma forma, existem outras categorias capazes de cumprir tal tarefa, além dos pronomes, o que leva a crer que a substituição de elementos lingüísticos,

por si só, não tipifica a classe dos pronomes. É o caso do artigo definido, como se observou no exemplo (8), repetido abaixo:

(8)- Meu pai tocava violão, mas a família toda é de uma sensibilidade musical muito grande.

A partir de um estudo minucioso dos pronomes pessoais, Monteiro (1994) conclui que os pronomes retos, oblíquos e possessivos são todos integrantes de um mesmo sistema, o dos pessoais, já que tais pronomes referem-se à categoria de pessoa do discurso, sendo os possessivos as formas adjetivas dos demais pronomes pessoais, estes sempre substantivos. Neste caso, os possessivos possuem um conteúdo relacional comum aos adjetivos e um conteúdo pessoal que os distingue destes. Esse paralelismo de funções existente entre as formas pronominais, sugerido pelo autor, é representado no quadro a seguir:

PRONOMES SUBSTANTIVOS				PRONOMES ADJUNTOS				
Sujeitos		Complementos		Adjuntos				
Eu	me	mim	*migo	meu(s)	minha(s)			
Nós	nos	nós	*nosco	nosso(s)	nossa(s)			
Tu	te	ti	*tigo	lhe(s)	teu(s)	tua(s)		
Você	se	si	*sigo	seu(s)	sua(s)			
Ele(s)	ela(s)	o(s)	a(s)	lo(s)	la(s)	lhe(s)	dele(s)	dela(s)

*são formas presas e se constituem a partir da junção da preposição *com*: comigo, contigo, conosco, consigo.

Tabela 2.1 – Pronomes substantivos e adjuntos do português (Monteiro, 1994).

Muller (1997) diz que o pronome possessivo anteposto ao núcleo nominal, apesar de possuir um carácter delimitador, não incorpora o artigo definido em seu significado (cf. 2.1.3). Para sustentar essa hipótese, a autora apresenta alguns contextos em que não são aceitas descrições definidas, nas quais ape-

nas o possessivo sem artigo pode ocorrer, como no uso do vocativo, no uso do predicativo e nas construções apositivas *como...* . Esses contextos foram exemplificados em (32), (33) e (34), respectivamente, e serão repetidos a seguir para melhor explanação da questão:

(32) a- Meu filho! Venha cá!

b- *O meu filho! Venha cá!

(33) a- Jorge é meu amigo e Carlos também.

b- *Jorge é o meu amigo e Carlos também.

(34) a- Eu vim aqui como seu amigo.

b- ?Eu vim aqui como o seu amigo.

Dessa forma, a autora comenta que o comportamento do possessivo é semelhante ao dos nomes próprios, pois estes também podem ocorrer com ou sem artigo e não o incorpora no seu significado. Ainda, em vocativo, predicativo e aposto, o nome próprio também não aceita o artigo, assim como os possessivos demonstrados acima:

(47) a- Jorge! Venha cá!

b- *O Jorge venha cá!

(48) a- Jorge pensa que é Napoleão.

b- ?Jorge pensa que é o Napoleão.

(49) a- O Presidente, nosso companheiro Luiz Inácio da Silva, visitará a usina em maio.

b- *O Presidente, nosso companheiro o Luiz Inácio da Silva, visitará a usina em maio.

Isso a leva a sugerir que a categoria do pronome possessivo oscila entre Nome e Sintagma Determinante. Em posições argumentais comporta-se como sintagmas de determinantes plenos e, em posições predicativas, como simples nomes. Semanticamente falando: às vezes funcionam como se denotassem propriedades e às vezes como se denotassem indivíduos. Destaca, ainda, o fato de o conjunto denotado por um [Pos[N]] ou por um nome próprio conter um elemento dêitico, o que o faz cumprir o mesmo papel de um determinante, ou seja, selecionar os membros do conjunto sobre os quais se vai predicar.

Concluindo, pode-se notar que o possessivo no PB apresenta características diversas que, ao mesmo tempo que o aproxima, o diferencia de outros itens sintáticos. Em outras palavras, pode-se dizer que o possessivo possui características estruturais semelhantes a adjetivos, a determinantes e a nomes, mas, ao mesmo tempo, possui peculiaridades que não permitem sua inclusão em tais categorias.

A partir do que foi exposto, considera-se a possibilidade de atribuir ao possessivo subcategorias que melhor o caracterizem. Cada uma dessas subcategorias se relaciona com determinada posição sintática que o possessivo venha a ocupar na oração. Sendo assim, o pronome possessivo pode ser subcategorizado da seguinte maneira:

- 1- O Pronome Possessivo Anteposto pode ser subcategorizado como Determinante, se não vier acompanhado de outro determinante. Esse tipo de pronome possui um caráter delimitador, porém, não incorpora o artigo definido em seu significado, o que o assemelha aos nomes próprios. Quando

estiver precedido de um determinante definido, o Pronome Possessivo Anteposto pode ser subcategorizado como Adjetivo, funcionando como um qualificador do Nome. A indefinidade do determinante parece ser rara nesse caso.

- 2- O Pronome Possessivo Posposto também pode ser subcategorizado como Adjetivo. Pode apresentar-se na forma analítica, ou genitiva, quando se referir à terceira pessoa, concordando, enquanto sintético, em gênero e número com o nome e, enquanto analítico, em gênero e número com a pessoa. O determinante, neste caso, antecede o nome e pode ser tanto definido quanto indefinido. Na posição de predicativo ou como núcleo do sintagma nominal sujeito, o Pronome Possessivo pode ser subcategorizado como Substantivo, concordando com este núcleo em gênero e número e sempre substituindo um nome, com forte marcação dêitica. A presença ou não de determinantes pode alterar o dado semântico e a indefinidade também parece não lhe ser compatível.

Feita uma análise sobre o comportamento do possessivo especificamente no PB, vale observar seu comportamento em outras línguas para que se possam verificar possibilidades da ocorrência do fenômeno em questão nesse trabalho em línguas diferente do PB.

2.3.O PRONOME POSSESSIVO EM OUTRAS LÍNGUAS

O pronome possessivo, em outras línguas românicas, apresenta semelhanças com o português, no que diz respeito aos seus aspectos morfológicos

e sintáticos. Nas línguas pesquisadas, assim como no português, o possessivo marca gênero em concordância com o nome referente ao objeto possuído e pessoa em concordância com o nome referente ao possuidor.

No entanto, o possessivo também apresenta distinções em relação às diferentes línguas, principalmente quanto à morfologia e à distribuição estrutural destes. Um fato que merece atenção é o de, em português e em italiano, não se ter uma variação de forma para designar possessivo adjetivo e possessivo substantivo, como acontece em espanhol e em francês. Também há divergências quanto ao acompanhamento ou não de artigos com os possessivos das línguas românicas.

Também serão apresentados dados sobre o comportamento do possessivo em inglês e em alemão. No que diz respeito ao inglês, os dados apresentados servirão como base de estudo para abordagens posteriores que tomam essa língua como parâmetro. A caracterização do possessivo no alemão servirá para análise de dados de aquisição nessa língua.

A nomenclatura dada aos possessivos quanto à sua função sintática, nessa seção, acompanhará a nomenclatura dada a estes pelas gramáticas das respectivas línguas apresentadas.

2.3.1. O PRONOME POSSESSIVO EM ESPANHOL

O possessivo em espanhol, assim como em português, relaciona-se referencialmente com a pessoa do discurso. Contudo, diferentemente de em por-

tuguês, os possessivos substantivos e adjetivos, em espanhol, diferem-se quanto à forma e também quanto ao fato de apenas o primeiro realizar concordância de gênero com o gênero do nome referente ao objeto possuído. O possessivo adjetivo só concorda em gênero com a 1ª e 2ª pessoas do plural, as quais possuem a mesma forma do possessivo substantivo. Ao contrário do português, o pronome adjetivo possui posição fixa, anterior ao nome que modifica e não admite artigo antecedente (*La mi casa es esta.). O possessivo substantivo admite o uso facultativo de artigo (Esta casa es (la) mia).

Possuído Possuidor	MASCULINO				FEMININO			
	Singular		Plural		Singular		Plural	
1ª Pes. Sing.	mi	libro	mis	libros	mi	casa	mis	casas
2ª Pes. Sing.	tu	libro	tus	libros	tu	casa	tus	casas
3ª Pes. Sing.*	su	libro	sus	libros	su	casa	sus	casas
1ª Pes. Plu..	nuestro	libro	nuestros	libros	nuestra	casa	nuestras	casas
2ª Pes. Plu.	vuestro	libro	vuestros	libros	vuestra	casa	vuestras	casas
3ª Pes. Plu.*	su	libro	sus	libros	su	casa	sus	casas

Tabela 2.3 – Pronome possessivo adjetivo do espanhol

Possuído Possuidor	MASCULINO		FEMININO	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª Pes. Sing.	mio	mios	mia	mias
2ª Pes. Sing.	tuyo	tuyos	tuya	tuyas
3ª Pes. Sing.*	suyo	suyos	suya	suyas
1ª Pes. Plu.	nuestro	nuestros	nuestra	nuestras
2ª Pes. Plu.	vuestro	vuestros	vuestra	vuestras
3ª Pes. Plu.*	suyo	suyos	suya	suyas

*Os possessivos adjetivos e substantivos da 3ª pessoa do singular e do plural, assim como em português, possuem formas idênticas e somente poderão ter a identificação da pessoa no contexto.

Tabela 2.4 – Pronomes Possessivos Substantivos do Espanhol

2.3.2. O PRONOME POSSESSIVO NO ITALIANO

No italiano, tem-se as denominações de Adjetivo Possessivo, que remete à subcategorização como adjetivo, e Pronome Possessivo, que remete à subcategorização como substantivo, na gramática tradicional. Os adjetivos possessivos relacionam-se referencialmente com a pessoa do discurso e sintaticamente em gênero e número com o nome referente ao objeto possuído. Ao contrário do português e do espanhol, o adjetivo possessivo apresenta formas diferentes para a 3ª pessoa do singular e a do plural. Assim como no espanhol, o adjetivo possessivo não possui mobilidade, estando sempre antes do nome e, diferentemente deste, exige o uso de artigo anteposto. Já o pronome possessivo substantivo se flexiona em gênero, número e também admite o uso facultativo do artigo anteposto.

<i>Possuido</i>	MASCULINO				FEMININO			
	Singular		Plural		Singular		Plural	
1ª Pes. Sing.	il mio	libro	i miei	libri	la mia	casa	le mie	case
2ª Pes. Sing.	il tuo	libro	i tuoi	libri	la tua	casa	le tue	case
3ª Pes. Sing.	il suo	libro	i suoi	libri	la sua	casa	le sue	case
1ª Pes. Plu..	il nos- tro	libro	i nostri	libri	la nostra	casa	le nostre	case
2ª Pes. Plu.	il vos- tro	libro	i vostri	libri	la vostra	casa	le vostre	case
3ª Pes. Plu.*	il loro	libro	i loro	libri	la loro	casa	le loro	case

*A 3ª pessoa do plural possui a mesma forma para singular e plural, masculino e feminino, sendo identificado o possuidor através do artigo.

Tabela 2.4 – Adjetivo possessivo do italiano.

Possuidor \ Possuído	MASCULINO		FEMININO	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª Pes. Sing.	mio	miei	mia	mie
2ª Pes. Sing.	tuo	tuoi	tua	tue
3ª Pes. Sing.	suo	suoi	sua	sue
1ª Pes. Plu.	nostro	nostri	nostra	nostre
2ª Pes. Plu.	vostro	vostri	vostra	vostre
3ª Pes. Plu.	loro	loro	loro	loro

Tabela 2.5 – Pronome possessivo do italiano

2.3.3. O PRONOME POSSESSIVO EM FRANCÊS

Em francês, além da forma genitiva, a posse pode ser indicada de duas formas: através de pronome possessivo adjetivo, que antecede o nome e concorda em pessoa com o possuidor e em gênero e número com o nome que se refere ao objeto possuído: *mon chapeaux (meu chapéu)*; através do uso do pronome possessivo substantivo que é sempre usado com artigo: *(c'est) le mien ((é) meu)*. A forma plural não se modifica quanto ao gênero no possessivo adjetivo.

Possuidor \ Possuído	MASCULINO				FEMININO			
	Singular		Plural		Singular		Plural	
1ª Pes. Sing.	mon	livre	mes	livres	ma	maison	mes	maisons
2ª Pes. Sing.	ton	livre	tes	livres	ta	maison	tes	maisons
3ª Pes. Sing.	son	livre	ses	livres	sa	maison	ses	maisons
1ª Pes. Plu..	notre	livre	nos	livres	notre	maison	nos	maisons
2ª Pes. Plu.	votre	livre	vos	livres	votre	maison	vos	maisons
3ª Pes. Plu.	leur	livre	leurs	livres	leur	maison	leurs	maisons

Tabela 2.6 – Adjetivo possessivo do francês.

Possuidor \ Possuido	MASCULINO		FEMININO	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª Pes. Sing.	le mien	les miens	la mienne	les miennes
2ª Pes. Sing.	le tien	les tiens	la tienne	les tiennes
3ª Pes. Sing.*	le sien	les siens	la sienne	les siennes
1ª Pes. Plu.	le nôtre	les nôtres	la nôtre	les nôtres
2ª Pes. Plu.	le vôtre	les vôtres	la vôtre	les vôtres
3ª Pes. Plu.*	le leur	les leurs	la leur	les leurs

*A 3ª pessoa do singular e do plural têm a mesma forma, sendo, portanto, necessário o conhecimento do contexto para que se possa identificar o possuidor.

Tabela 2.7 – Pronome possessivo do francês

Como se pode ver, o pronome possessivo não se apresenta de maneira idêntica nas línguas românicas. Porém, o português, o espanhol, o italiano e o francês possuem traços de semelhança quanto ao comportamento deste. Uma característica básica dessas línguas, no que se diz respeito ao possessivo, é o fato de, de uma forma ou de outra, apresentarem a concordância referencial de pessoa com o possuidor e a concordância sintática de gênero e número com o nome referente ao objeto possuído. No inglês, isso não acontece de forma alguma, conforme será visto a seguir.

2.3.4. O PRONOME POSSESSIVO NO INGLÊS

O possessivo no inglês, além de apresentar formas distintas para representar o possessivo substantivo e o possessivo adjetivo (como no francês e no espanhol), realiza apenas a concordância de pessoa, de número e, no caso da 3ª pessoa do singular, de gênero com o possuidor. Outras diferenças é que o possessivo em inglês jamais admite a anteposição de artigo e apresenta uma forma de possessivo para se referir ao possuidor neutro. A forma genitiva é

marcada por um apóstrofo seguido de “s” após o possuidor e não é de forma alguma usada com os pronomes pessoais. Há a possibilidade do uso genitivo com preposição + nome. Alguns autores denominam a forma com apóstrofo como Genitivo Saxão e a forma preposicionada como Genitivo Independente (Storto, 2003).

1ª Pes. Sing.	my
2ª Pes. Sing.*	your
3ª Pes. Sing	his/her/its
1ª Pes. Plu..	our
2ª Pes. Plu.*	your
3ª Pes. Plu.	their

*A 2ª pessoa do singular e do plural precisam ser identificadas através do contexto, pois possuem a mesma forma.

Tabela 8 – Pronome possessivo adjetivo do inglês.

1ª Pes. Sing.	mine
2ª Pes. Sing.*	yours
3ª Pes. Sing	his/hers
1ª Pes. Plu..	ours
2ª Pes. Plu.*	yours
3ª Pes. Plu.	theirs

*O possessivo substantivo da 2ª pessoa do plural e do singular apresentam a mesma forma, portanto, o possuidor é identificado através do contexto.

Tabela 2.9 – Pronome Possessivo substantivo do inglês

2.3.5. O PRONOME POSSESSIVO NO ALEMÃO

No alemão, além da forma genitiva marcada morfologicamente pelo acréscimo do sufixo –s ao possuidor, a posse é designada pelo pronome possessivo que se difere em Atributo Possessivo (Possessivo Adjetivo) e Possessivo Independente (Possessivo Substantivo), os quais possuem a mesma forma representativa, assim como no português.

O Atributo Possessivo antecede o nome, declina-se nos casos nominativo, acusativo, dativo e genitivo e flexiona-se em gênero (masculino, feminino e neutro) e número, de acordo com o caso, o gênero e o número do nome que se refere ao objeto possuído, não admitindo artigo anteposto. O Possessivo Independente assim se chama porque não acompanha o nome referente ao objeto possuído e, sim, o substitui, declinando-se e flexionando-se de acordo com este. Em um alemão arcaico, em desuso atualmente, admitia-se o acompanhamento de artigo definido.

Pessoa	Caso	Objeto possuído Singular			Objeto possuído Plural Mas.Neutr.Fem.
		Masc.	Neutro	Fem.	
1ªPes.Sing. ich	Nominativo	mein	mein	meine	meine meine meinen meiner
	Acusativo	meinen	mein	meine	
	Dativo	meinem	meinem	meiner	
	Genitivo	meines	meines	meiner	
2ªPes.Sing. du	Nominativo	dein	dein	deine	deine deine deinen deiner
	Acusativo	deinen	dein	deine	
	Dativo	deinem	deinem	deiner	
	Genitivo	deines	deines	deiner	
3ªPes.Sing. er, es, man	Nominativo	sein	sein	seine	seine seine seinen seiner
	Acusativo	seinen	sein	seine	
	Dativo	seinem	seinem	seiner	
	Genitivo	seines	seines	seiner	
3ªPes.Sing.* sie(fem)	Nominativo	ihr	ihr	ihre	ihre ihre ihren ihrer
	Acusativo	ihren	ihr	ihre	
	Dativo	ihrem	ihrem	ihrer	
	Genitivo	ihres	ihres	ihrer	
1ªPes.Plur. wir	Nominativo	unser	unser	unsre	unsre unsre unsren unsrer
	Acusativo	unsren	unser	unsre	
	Dativo	unsrem	unsrem	unsrer	
	Genitivo	unsres	unsres	unsrer	
2ªPes.Plur. ihr	Nominativo	euer	euer	eure	eure eure euren eurer
	Acusativo	euren	euer	eure	
	Dativo	eurem	eurem	eurer	
	Genitivo	eures	eures	eurer	
3ªPes.Plur.* sie	Nominativo	ihr	ihr	ihre	ihre ihre ihren ihrer
	Acusativo	ihren	ihr	ihre	
	Dativo	ihrem	ihrem	ihrer	
	Genitivo	ihres	ihres	ihrer	
3ªPes.* Tratamento Formal Sie	Nominativo	Ihr	Ihr	Ihre	Ihre Ihre Ihren Ihrer
	Acusativo	Ihren	Ihr	Ihre	
	Dativo	Ihrem	Ihrem	Ihrer	
	Genitivo	Ihres	Ihres	Ihrer	

Tabela 2.10 – Pronome Possessivo no Alemão

*O possessivo de 3ª pessoa do singular, do plural e da forma de tratamento formal são iguais em todas as declinações e flexões, salvo o fato de este último se gravar com letra maiúscula.

2.3.6. DISCUSSÃO

Embora haja particularidades no modo como o possessivo se apresenta nas diferentes línguas românicas vistas, há uma característica comum a todas: a marca de posse referente à pessoa e a concordância de gênero (e número) com o gênero (e o número) do nome a que se refere. Isso parece caracterizar as línguas românicas quanto aos possessivos, comparadas ao inglês, por exemplo, em que tal concordância não se manifesta. Uma vez que o fenômeno abordado nesta dissertação trata, exatamente, da concordância incongruente de gênero entre o possessivo e o nome que designa o objeto possuído, é relevante comentar que tal fenômeno foi observado em outras línguas românicas, conforme pesquisa realizada no banco de dados CHILDES (Child Language Data Exchange System). A seguir, serão vistos dados sobre a aquisição de possessivos em PB e em outras línguas.

2.4.A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO

Não foram encontrados estudos que focalizassem especificamente a aquisição do possessivo por crianças adquirindo o PB ou outras línguas (à exceção de um estudo sobre aquisição de possessivos em italiano e alemão (Ruff, 2001, cf.2.5.3 e 2.5 4)). Os dados apresentados são extraídos de estudos que tratam do desenvolvimento lingüístico geral de crianças em contato com diferentes línguas. Foram usados, sobretudo, dados de estudos de diferentes autores, organizados por Slobin (1985).

Nos dados apresentados não foram encontradas produções indicando incongruência de gênero entre possessivo e nome – foco desta dissertação,

talvez justamente porque os estudos não tratavam particularmente da aquisição do possessivo. No entanto, em busca na base de dados CHILDES foram encontradas ocorrências em português, italiano, espanhol e francês.

Apresentamos, a seguir, os dados destacados dos estudos sobre aquisição da linguagem e, em alguns casos, os dados coletados no CHILDES.

2.4.1. A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM PB

Não foram encontrados estudos tratando especificamente da aquisição do possessivo por crianças adquirindo o português – do Brasil ou europeu. Cerqueira (1994, apud Cerqueira, 1996) afirma que a criança produz, em um primeiro momento, a forma [N[POS]], para somente em um segundo estágio mover o possessivo para uma posição mais elevada na árvore sintática. Coletas de estudos longitudinais e experimentos realizados a fim de se identificar a sensibilidade da criança ao possessivo de um modo geral corroboram essa informação (cf. capítulo 5). A criança parece cumprir estágios no processo de produção do possessivo. Em um primeiro momento, produz as formas genitivas. No entanto, isso não significa que ela não tenha ainda adquirido a forma pronominalizada. Em um segundo momento, começa a produzir o pronome possessivo, dando preferência à forma predicativa e apresentando, em alguns casos, um pronome possessivo neutro “mi”. O pronome possessivo anteposto ao núcleo nominal surge em uma terceira fase. Dados de um estudo longitudinal colhidos no Childes sustentam essa idéia:

Paulo, 1ano, 6meses e 21 dias:

Inv: Não vai tomar o seu café?

Paulo: Esse (café) nenê.

Mãe: Não! Esse é meu.

Paulo, 1 ano, 8 meses e 20 dias:

Paulo: Outro carro bate.

É meu.

Paulo, 2 anos e 6 dias:

Mãe: Onde mais está coçando?

Paulo: Aqui, na minha barriguinha.

Considerando, portanto, a idéia levantada por Cerqueira e o resultado dos dados experimentais e coletados no Childes, pode-se dizer que parece que a criança passa por estágios distintos no decorrer do processo de produção do item possessivo no PB, tais como: 1- bola (do) nenê; 2- é meu/minha/mi; 3- meu/minha/mi carro/bola. No estudo da aquisição do possessivo em outras línguas, foram verificadas ocorrências semelhantes, como será apresentado a seguir.

2.5. A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM OUTRAS LÍNGUAS

2.5.1. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO NO ESPANHOL

Clark (apud Slobin, 1985) destaca que parece haver uma preferência pelo uso genitivo do possessivo no período inicial da produção nas línguas românicas. Crianças espanholas, aos 2 anos, produzem *zapato a papa, la casa le mi*. O possessivo adjetivo só é produzido mais tarde.

Dados do CHILDES mostram essa preferência pela forma genitiva no espanhol, até mesmo quando aparece o pronome possessivo:

Magén, 1 ano, 10 meses e 27 dias:

Pai: ?de quién es este zapato?

Magín: E(s) de mamá.

Pai: ?Qué es esto?

Magín: (L)a pupa.

Pai: ?De quién?

Magín: De mia.

No espanhol, também foram encontrados dados que demonstram o uso incongruente de gênero na concordância entre o pronome possessivo e o nome do objeto possuído:

Magín, espanhol, 1 ano, 10 meses e 16 dias:

Mag.: Mama, a pelota.

Mag.: E tuyo.

Mãe: Me haces dano!

Mag.: E mio.

2.5.2. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO NO FRANCÊS

Segundo Clark (apud Slobin, 1985), pronomes, artigos e preposições emergem cedo na fala da criança, durante as primeiras combinações de palavras. De acordo com a autora, o processo de aquisição do pronome possessivo

em francês pode ser dividido em etapas: por volta de 1 ano e 4 meses, a criança produz *moi* no sentido de *à moi, pour moi* (para mim) e justaposições, como café papa (café (do) papai); em torno de 1 ano e nove meses faz uso esporádico de *mon, ma, le mien*; e com 1 ano e 11 meses, usa regularmente *à moi* (de mim), *ton, ta, le tien*. Não foram relatadas ocorrências com incongruência de gênero; no entanto, apareceram casos de incongruência semântica de posse: *mon papa à toi* (meu papai de você).

Clark conclui dizendo que crianças expostas a um *input* com mais de uma forma possessiva optam, em um primeiro momento, pelo uso da forma mais transparente, no caso, a forma analítica ou genitiva. Em um segundo momento, usam o pronome possessivo adjetivo, para somente mais tarde produzir o pronome possessivo substantivo. Assim, traça uma seqüência que determina o processo de produção do possessivo em francês: I) a criança produz apenas formas genitivas; II) a criança passa a produzir a forma possessiva adjetiva; III) a criança mistura as duas formas, usando-as indiscriminadamente; IV) a criança começa a produzir a forma possessiva substantiva.

Em dados coletados no CHILDES, tem-se:

Grégoire, 1 ano, 9 meses e 21 dias:

Mãe: Et tes oreilles, où elles sont tes oreilles?

Grég: Oreilles Grégoire.

Grégoire, 1 ano e 11 meses:

Inv: Qu'est ce que c'est ça?

Grég: Ma poche.

Também foram encontrados dados que demonstram a realização incongruente da concordância de gênero entre o pronome e o nome do objeto possuído no francês:

Grégorie, francês, 2 anos, 1 mês e 25 dias:

Greg.: Mon poussette.

Inv.: C'est ta poussete?

Mãe: Tu veux faire des prises d'enoncés corretts!

Tais dados concordam com os da pesquisa de Clark e também com os dados coletados do PB. Isso sugere que há algo em comum no processo de aquisição de ambas as línguas.

2.5.3. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM ITALIANO

Ruff (2001) realizou um estudo sobre as noções de posse e possuidor no desenvolvimento lingüístico de crianças italianas. Esse estudo consistiu na observação de 6 crianças pelo período de 2 semanas, em seus ambientes familiares. Na presença da mãe, essas crianças foram apresentadas a fotografias de objetos que pertenciam a elas mesmas ou a seus pais. A mãe fazia perguntas do tipo "O que é isso?" e "De quem é isso?". O pai não se encontrava presente na situação experimental. Ruff identificou que crianças adquirindo o italiano produzem, inicialmente, formas possessivas genitivas. Esse dado vai ao encontro da tese de Cerqueira (1994) e dos dados de Clark para o francês, que

sugerem que a criança produz primeiro a forma genitiva, para depois produzir a forma sintética. Ruff também apontou que as crianças italianas, ao começarem a produzir a forma possessiva pronominal, desenvolvem primeiro a referência pessoal de primeira pessoa, ou seja, identificam mais facilmente elas mesmas no papel de possuidor. Para designar os demais possuidores continuam, preferencialmente, usando construções possessivas genitivas³.

Assim como nas demais línguas românicas pesquisadas, também no italiano verificaram-se dados do uso incongruente do gênero na concordância entre possessivo e nome:

Rafaello, italiano, 1 ano e 9 meses:

Inv.: É la palla...

Raf.: Dura.

Inv.: Quand'è che l'há coprata la mamma?

Raf.: É mio.

2.5.4. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM ALEMÃO

Dos dados coletados do alemão, Mills (apud Slobin, 1985) ressalta o fato de, em geral, estratégias de interpretação ou produção baseadas na ordem das palavras relacionar-se com o conhecimento que a criança tem sobre as flexões que marcam o caso possessivo. Assim, a produção do possessivo em alemão depende de fatores contextuais e intencionais. Infelizmente, não é citado o es-

³ Ruff comparou a aquisição do possessivo em italiano e alemão, porém, os dados serão apresentados separadamente a fim de seguir o padrão de apresentação definido nesta dissertação.

tágio em que a criança que se encontra em processo de aquisição do alemão começa a produzir o possessivo. Seria interessante verificar se o início dessa produção ocorre no mesmo período etário em que se dá em línguas como o português.

Ruff (2001), juntamente com o estudo sobre as noções de posse e possuidor no desenvolvimento lingüístico de crianças italianas, observou 7 crianças alemãs nas mesmas condições. As crianças foram observadas pelo período de 2 semanas, em seus ambientes familiares, na presença das mães. O experimento consistia na apresentação de fotografias de objetos que pertenciam a elas mesmas ou a seus pais. A mãe fazia perguntas do tipo “O que é isso?” e “De quem é isso?”. O pai não se encontrava presente na situação experimental. Ruff identificou que crianças adquirindo o alemão, assim como as que estavam adquirindo o italiano, produzem, em um primeiro momento, formas possessivas genitivas. Esse dado concorda com dados encontrados nas línguas românicas pesquisadas. Isso sugere que o fator desencadeador das supostas etapas que a criança percorre durante o processo de aquisição do possessivo – 1: uso do genitivo; 2: uso do possessivo substantivo (predicativo) e 3: uso do possessivo anteposto ao núcleo nominal – não é uma peculiaridade das línguas românicas. Em outras palavras, o fato de a criança usar a forma genitiva primeiro que a forma pronominal parece não ter a ver com a concordância de gênero estabelecida entre o pronome e o Nome do objeto possuído que ocorre em línguas românicas.

2.5.5. SOBRE A AQUISIÇÃO DO POSSESSIVO EM INGLÊS

No inglês, Villiers & Villiers (apud Slobin, 1985) identificaram etapas distintas de aquisição da linguagem, separando essas etapas em primeiro e segundo estágio. Dessa forma, o primeiro estágio corresponde à fase em que a criança produz enunciados compostos de até duas palavras e vai até a idade de 2 anos. Segundo os autores, esse estágio consiste na produção de artigos, desinências, preposições e complementos verbais. O segundo estágio corresponde a crianças de até 4 anos que produzem enunciados mais complexos, quase sentenças completas. Nesse estágio a criança passa a produzir verbos auxiliares com a finalidade de assinalar perguntas e negações. Também surgem construções dativas e passivas, assim como a produção de sentenças relativas e coordenadas. A posse em si é vista como uma das noções semânticas mais frequentes no primeiro estágio, ou seja, a idéia de possuidor e possuído surge no período até 2 anos de idade. Isso não garante a efetiva produção do possessivo pronominalizado nessa fase. Os exemplos utilizados pelos autores para demonstrar essa idéia consistem em produções possessivas genitivas com 's, embora a criança, a princípio, não o pronuncie: Daddy pipe. Para complementar essa informação, citam outros pesquisadores e suas respectivas considerações quanto à aquisição do possessivo no primeiro estágio, embora não se aprofundem nas descrições desses trabalhos: Schlesinger (1971) não comenta sobre o possessivo no primeiro estágio; Brown (1973) defende a noção básica de possuidor e possuído; Bloom et al. (1975) assumem a noção ampla de posse; Leonard (1976) diz existir apenas uma noção de possuidor. Golinkoff e Markessini (1980) estudam a compreensão de três tipos de relações possessivas: I) alienável: The mommy's ball; II) intrínseca: The mommy's

face; e 3) recíproca: *The mommy's baby*. Nessa concepção, colocam que, no primeiro estágio, as crianças costumam apontar para o objeto possuído e 75% delas reconhecem a noção de posse alienável e intrínseca, ou seja, já possuem a noção básica de possuidor e possuído.

Quanto à aquisição da sintaxe do possessivo, os autores são vagos. Dizem apenas que o possessivo é estudado como morfema gramatical. Imagina-se que tenham referido-se ao possessivo genitivo saxão marcado pela desinência *-s* após o nome do possuído.

2.5.6. DISCUSSÃO

Considerando os dados expostos nessa seção, pode-se dizer que o que se tem aponta para um tipo de caminho com estágios que a criança percorre durante o processo de produção do item possessivo nas diferentes línguas pesquisadas. De uma maneira geral, o primeiro estágio consiste na produção de formas genitivas para designar a posse e o segundo estágio consiste na ocorrência do possessivo predicativo e da forma pronominalizada anteposta ao núcleo nominal, podendo, ou não, apresentar incongruência de gênero entre possessivo e nome. Apenas em um terceiro estágio a criança produz o pronome possessivo congruente de maneira efetiva.

Dados colhidos no CHILDES mostram que em outras línguas românicas, além do português, observa-se esse tipo de ocorrência. Ruff (2001) sugere, através do resultado de experimentos, que também no alemão há essa sequência no processo de produção do possessivo. De acordo com dados sobre

a aquisição do possessivo em inglês, deduz-se que a forma genitiva é a que representa a posse em um primeiro momento durante o processo de produção.

É importante ressaltar que a ocorrência desses estágios durante o desenvolvimento da produção do possessivo em diferentes línguas, não significa que a criança não possua habilidades de percepção e compreensão do possessivo em uma fase anterior à da produção. Isso prediz que, apesar de a criança produzir, em um primeiro momento, a forma possessiva genitiva, ela já pode ter adquirido a forma possessiva pronominal.

Uma vez que a questão fundamental do fenômeno estudado nesta dissertação se dá através da concordância de gênero em construções possessivas pronominais, será apresentado a seguir um breve estudo sobre a classe de gênero no PB, a fim de avaliar se tal fenômeno diz respeito à aquisição/ao reconhecimento do gênero no PB ou se, realmente, é restrito à produção de possessivos.

2.6.A CLASSE DE GÊNERO NO PB

O gênero gramatical, em português, pode assumir valor masculino ou feminino, sendo que 95,5% dos nomes dessa língua não apresentam marca morfológica de gênero (Rocha, 1981, apud Name 2002), ou seja, flexão de gênero. Câmara Jr. (1970) classifica os nomes em três tipos: I) nomes substantivos de gênero único: a flor, a janela, o planeta, o amor; II) nome de dois gêneros sem flexão: o/a testemunha, o/a intérprete; III) nomes substantivos de dois gêneros, com flexão redundante: o/a gato/a, o/a mestre/a, o/a cantor/a. Para o

autor, o gênero referente ao masculino é não marcado e o gênero referente ao feminino provém do masculino e é marcado morfologicamente por –a.

Em termos minimalistas (Chomsky, 1995), o gênero dos nomes, em português, pode ser intrínseco, quando o traço de gênero é parte integrante do nome; ou opcional, quando o valor do traço varia morfologicamente. Em nomes [- animado], o traço é intrínseco (cama, bola, piscina, relógio, quarto, vestido). Em nomes [+ animado], o traço pode ser intrínseco (artista, homem, girafa) ou opcional (menino/a, macaco/a), sendo que estes últimos apresentam variação morfológica. Tanto o traço de gênero intrínseco quanto o opcional são interpretáveis nos nomes. Isso significa que os traços de gênero são semanticamente interpretados na interface da língua com os sistemas de desempenho (cf. 3.1). No entanto, na grande maioria dos casos, o traço intrínseco é arbitrário, ou seja, não possui conteúdo semântico, o que faz com que ele seja subespecificado semanticamente. Em contrapartida, os traços opcionais marcados morfologicamente possuem conteúdo semântico, remetendo às classes de gênero natural masculino e feminino. Esse conteúdo está melhor especificado no quadro a seguir, extraído de Name (2002):

Traço de gênero nos nomes		
Animacidade	Opcionalidade	
	Intrínseco	Opcional
[- animado]	mesa, livro*	-
[+ animado]	cônjuge, girafa*	amigo/a, coelho/a
	dentista, colega	

*Subespecificado semanticamente

Tabela 2.11 – Classificação dos nomes em função da natureza do traço de gênero (Name, 2002, pág. 32).

Em português, o traço de gênero é [-interpretável] em itens diferentes do Nome, podendo se manifestar morfológicamente em determinantes, possessivos e adjetivos. A concordância de gênero se dá dentro do SD, entre Nome (N) e Determinante e modificadores

Feito um breve resumo sobre o comportamento da classe de gênero no PB, parte-se para a exposição de pressupostos a respeito da aquisição do gênero nessa língua.

2.6.1. A AQUISIÇÃO DO GÊNERO EM PB

Name (2002) defende que a criança, em idade anterior a 3 anos, reconhece o valor do traço de gênero do nome a partir do valor expresso no determinante e que, em um período anterior à sua produção lingüística, a criança apresenta habilidades discriminatórias que lhe permitem certa sensibilidade a itens funcionais, mais especificamente aos determinantes, da língua em processo de aquisição. De acordo com Name,

“a regularidade e transparência da marcação de gênero em uma classe fechada como a Categoria D permite à criança identificar os possíveis valores do traço de gênero de sua língua mais facilmente do que em elementos de uma classe aberta - Nome - com maior variação de terminações”(pág. 34).

Resultados experimentais sugerem que, por volta dos 14 meses, a criança é sensível às propriedades fônicas dos determinantes no PB (Name & Correa, 2003) e que, em torno de 23 meses, a criança processa a concordância de gênero no SD entre Det e N, reagindo à incongruência de gênero entre esses elementos (Corrêa & Name, 2003).

É válido destacar que Name não considerou, em seu trabalho, os pronomes possessivos como determinantes. Porém, ainda que não possam ser generalizados para o processo de aquisição do possessivo, tais resultados sugerem que ao fim do segundo ano de vida a criança é capaz de reconhecer, na compreensão, o modo de funcionamento do sistema de gênero no PB, i.e., o traço com valor masculino ou feminino e a necessidade de concordância entre o determinante e o gênero do nome. É justamente nesse período que as ocorrências de incongruência de gênero entre possessivo e nome foram encontradas. Logo, pode-se supor que, de qualquer forma, o fato de a criança identificar o gênero no determinante ao invés de no nome e realizar a concordância incongruente de gênero entre pronome possessivo e Nome servem como pistas para algumas considerações. Por exemplo, a co-ocorrência desses dois fatos pressupõe a impossibilidade de o artigo estar intrínseco no pronome possessivo, como defende Borges Neto (1978, apud Muller, 1997) visto em 2.1.3. Outro fator a ser considerado é o de o pronome possessivo realmente se comportar de maneira distinta dos determinantes. Esta última questão foi vista em 2.2.1 e será tratada novamente no próximo capítulo.

2.7. CONCLUSÃO

De acordo com os dados apresentados neste capítulo, pode-se verificar que a noção de posse e o item funcional possessivo não pressupõem um ao outro. Em outras palavras, a posse nem sempre é representada pelo pronome possessivo e este, por sua vez, não tem, obrigatoriamente, como única função representar a posse. Isso demonstra uma certa complexidade quanto ao estudo mais aprofundado do possessivo em PB. No entanto, a criança não dispõe

dessas informações na fase inicial da aquisição, o que sugere que não seja essa a razão, ou uma das razões, da ocorrência da concordância de gênero incongruente entre possessivo e nome.

Além disso, observou-se que a sintaxe e a semântica do possessivo estão interligadas de forma que uma influencia na definição da outra, ou seja, existe uma forte relação entre a posição que o possessivo ocupa na sentença e sua informação semântica. Como este trabalho se apoiou na tese de doutorado de Muller (1997) no que diz respeito à relação entre a sintaxe e a semântica do possessivo, assume-se, portanto, que a posição sintática do possessivo determina sua semântica.

Também foi discutido a respeito da flutuação categorial do possessivo, já que este apresenta características tanto de Determinante, quanto de Adjetivo e Nome. Foi visto que o comportamento distribucional do possessivo também influencia quanto à sua caracterização categorial. Dessa forma, sugeriram-se subcategorias que possam satisfazer as possibilidades categorias do possessivo, embora faça parte do intuito desta dissertação definir um status categorial do possessivo apenas para efeito deste estudo, e não como proposta definitiva.

Para que se pudesse fazer um estudo comparativo, foram apresentados comportamentos e dados de aquisição do possessivo em outras línguas. Chegou-se à conclusão que o processo de aquisição do possessivo, no que diz respeito à produção infantil, parece ser marcado por estágios, os quais consistem, basicamente, em produções iniciais de formas genitivas e, posteriormente, de ocorrências da forma pronominalizada. Tais etapas ocorrem independente-

mente do fato de, nessas línguas, haver ou não flexão de gênero no possessivo genitivo.

Por fim, de acordo com um estudo da classe de gênero no PB, pôde-se definir que o gênero no possessivo é um traço opcional e, portanto, não-interpretável, se manifestando morfologicamente. Quanto à sua aquisição no PB, resultados de experimentos sugerem que a criança, por volta dos 2 anos de idade, reconhece na compreensão o modo de funcionamento do sistema de gênero no PB, o que contribui para a possibilidade de o fenômeno da incongruência de gênero em construções possessivas pronominais não ser decorrente de um processo de compreensão e sim, talvez, de produção.

A fim de se verificar essa possibilidade, no próximo capítulo serão apresentadas abordagens teóricas que satisfaçam um modelo de língua e um modelo psicolinguístico, de forma a se buscar, nesses modelos, um entendimento de como se dá o fenômeno da concordância incongruente de gênero entre possessivo e nome.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será analisado o status do pronome possessivo à luz da Teoria Gerativista, assumindo-se o quadro teórico do Programa Minimalista (Chomsky, 1995 e obras posteriores). No entanto, antes de se passar à discussão desse ponto, serão apresentadas brevemente a concepção de gramática proposta pelo modelo e questões pertinentes a este estudo, tais como Gramática Universal (GU) e o problema da aquisição da linguagem.

3.1.O PROGRAMA MINIMALISTA

Este modelo baseia-se em concepções modularistas da mente, nas quais defende-se que a linguagem é um sistema cognitivo específico que interage com os demais sistemas cognitivos (Fodor, 1983). Esta especificidade traduz-se nas idéias de Faculdade da Linguagem, Gramática Universal e Princípios e Parâmetros.

No arcabouço gerativista, a Gramática Universal (GU) corresponde ao estágio inicial da Faculdade da Linguagem na mente humana, ou seja, à informação que é necessária para a aquisição da linguagem e que não está disponível no *input* da criança. Desta forma, a GU pode ser caracterizada como sendo inata e composta pelas propriedades universais das línguas naturais. Estas propriedades invariantes são formuladas em termos de princípios que regulam, portanto, o que é inato, próprio da GU. Os parâmetros referem-se às propriedades que caracterizam a variação estrutural permitida nas línguas naturais. Sendo assim, de acordo com a teoria apresentada no Programa Minimalista, pode-se dizer que a parametrização é decorrente do conjunto de traços sele-

cionados pelas gramáticas particulares e da associação destes com itens lexicais.

Quanto à Faculdade da Linguagem, o Programa Minimalista a concebe como sendo compreendida por um léxico e um sistema computacional. Em propostas recentes, Chomsky tem tratado a Faculdade da Linguagem sob dois aspectos: em um sentido estrito, a Faculdade da Linguagem é considerada como o próprio sistema computacional - FLN (*Faculty of Language in the narrow sense*) – enquanto em um sentido mais amplo, caracteriza-se por ser o conjunto formado pelo sistema computacional e os demais sistemas cognitivos ligados à linguagem, ou seja, sistemas de desempenho - FLB (*Faculty of Language in the broad sense*) (Hauser, Chomsky & Fitch, 2002).

Os sistemas de desempenho são o Sistema Articulatorio-Perceptual (A-P) ou sensório-motor e o Sistema Conceptual-Intencional (C-I) ou sistema de pensamento. Estes sistemas inter-relacionam-se com a língua a ser adquirida (L) através de interfaces com os níveis de representação lingüística PF (*Phonetic Form*) e LF (*Logical Form*). Desta forma, uma língua L fornece informações para o sistema A-P, através de uma interface fonológica realizada pelo nível de representação lingüística PF e para o sistema C-I, através de uma interface semântica realizada pelo nível LF. Assim, PF só interpreta informações fonológicas e LF, informações semânticas e traços formais interpretáveis. Mais adiante será discutido a respeito dos traços e da interpretabilidade ou não destes.

Os dados sintáticos da língua L chegam à FLN através de uma série de operações sintáticas que acontecem após a *Numeração*, que também ocorre

na FLN. A *Numeração* é formada por itens lexicais que, por sua vez, são conjuntos de traços que designam propriedades fonéticas, semânticas e gramaticais. O sistema computacional inicia uma derivação a partir de um arranjo de itens lexicais disponibilizados na *Numeração*. Sobre estes itens atuam as operações sintáticas *Select*, *Merge*, *Agree* e *Move*

A operação *Select* seleciona um item da *Numeração* a ser introduzido na derivação. Essa operação aplica-se mais de uma vez, já que a *Numeração* pode ser constituída de vários elementos. Juntamente com *Select*, opera-se *Merge* que é responsável pela formação de novos objetos sintáticos, concatenando-os uns aos outros. Essas duas operações são indispensáveis para que ocorra uma derivação sintática, enquanto *Agree* e *Move* dependem da presença de traços não interpretáveis.

Como já foi citado, traços designam propriedades aos itens lexicais. Traços fonéticos e semânticos são legíveis nos sistemas A-P e C-I, respectivamente. Traços gramaticais ou traços formais como gênero, número, pessoa, caso etc. são relevantes para o sistema computacional. Essa legibilidade determina a interpretabilidade ou não dos traços de um item lexical, ou seja, um traço é interpretável quando suas propriedades são relevantes para a interface que o lê. Os traços podem ser intrínsecos ou opcionais. Os traços intrínsecos são os que se encontram na entrada lexical e os opcionais são adicionados no momento da composição da *Numeração*. Por exemplo, o traço de gênero é intrínseco em nomes como *folha*, *cadeira*, *carro*, *relógio*. Porém, é opcional em *gato/a* ou *menino/a*, assim como nos determinantes, possessivos e adjetivos. Quanto à interpretabilidade, o traço formal de gênero é [+interpretável] nos no-

mes e [-interpretável] nos determinantes e adjetivos. Como será visto na seção 3.1.2, os possessivos são tratados distintivamente dos determinantes.

Para que a derivação ocorra com sucesso, traços não-interpretáveis precisam ser eliminados na derivação, já que não podem ser lidos nas interfaces. Essa eliminação de traços não-interpretáveis se dá através da concordância entre os itens de diferentes categorias que compõem a derivação. A operação responsável por essa concordância é *Agree*. Chomsky (1999) assume que o conjunto de traços não-interpretáveis, chamado de sonda, não possui valor e deve, portanto, ser valorado durante a derivação, procurando um conjunto de traços similar, ou seja, o alvo. Desta forma, *Agree* opera eliminando os traços não-interpretáveis após serem valorados. Por fim, a operação *Move* se efetiva quando a posição de especificador se disponibiliza para hospedar o elemento a ser movido, que foi alvo de *Agree*. Após a atuação das operações sintáticas, há o momento em que é feita a separação das informações fonéticas e semânticas para os respectivos níveis de interface, que é chamado de *Spell-Out*.

De acordo com o modelo de valoração dos traços não-interpretáveis, as categorias sintáticas são compostas por feixes de traços sem conteúdo fonológico. Este conteúdo fonológico é definido somente após a operação *Agree*, através da postulação de um determinado morfema abstrato, dado pela noção de inserção tardia defendida pela Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993 apud Augusto, no prelo). Portanto, pressupõe-se um componente morfológico que atua entre *Spell-Out* e PF, como demonstra o modelo do sistema computacional a seguir, extraído de Augusto (no prelo):

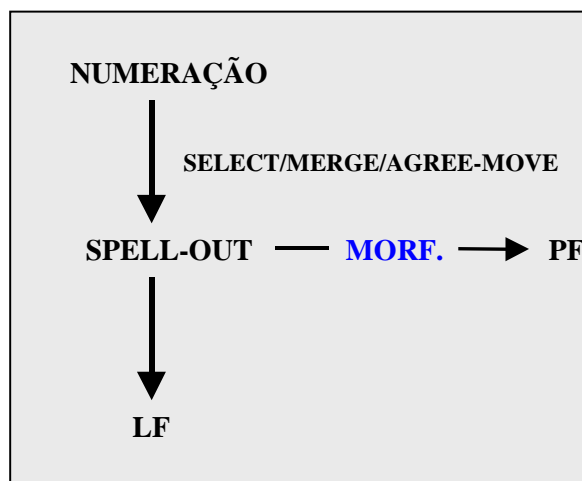


Figura 1 – Sistema computacional.

Esse modelo do sistema computacional leva à concepção de processos sintáticos distintos (cf. Augusto, no prelo): (i) processos pré-sintáticos, relacionados à *Numeração* e dependentes da formação do léxico e da caracterização dos traços como intrínsecos ou opcionais e interpretáveis; (ii) processos sintáticos, que envolvem as operações do sistema computacional em si e operam uniformemente para todas as línguas, e (iii) processos pós-sintáticos, que se relacionam à questão da associação de Itens de Vocabulário que, por sua vez, estabelece uma série de sinais fonológicos viáveis em uma língua para a expressão de morfemas abstratos. Em termos de aquisição da linguagem, pode-se pensar em questões envolvendo os processos pré e pós-sintáticos. O caso de não haver a percepção da relevância de certos traços durante a seleção de itens lexicais na *Numeração*, no processo de aquisição, podem fazer com que a produção da criança não corresponda efetivamente ao *input* que recebe, o que faz parte de um processo pré-sintático. Já no âmbito pós-sintático, pode-se dizer que produções errôneas quanto ao uso de morfemas pode ser o reflexo

da não associação de um certo valor de um traço e um determinado Item de Vocabulário, o que ocorre entre o momento do *Spell-Out* e a PF.

Resumindo, pode-se dizer que esse modelo do sistema computacional considera que os processos sintáticos no sentido estrito, ou seja, as operações sintáticas, são invariáveis, uniformes e independentes de língua. Já os processos pré-sintáticos dependem do conjunto de traços escolhidos naquela língua, e de sua especificação quanto a ser intrínseco ou opcional, interpretável ou não-interpretável. Os processos pós-sintáticos também são dependentes de língua, já que é nesse momento que são inseridos os Itens de Vocabulário, em função da valoração de determinados traços por *Agree*. Tal valoração decorre da escolha e especificação dos traços de uma língua particular.

3.1.1. INCONGRUÊNCIA DE GÊNERO NO PRONOME POSSESSIVO: IDENTIFICAÇÃO DE TRAÇOS OU QUESTÃO DE PRODUÇÃO?

Essas considerações sugerem, assim, que o que ocorre quando a criança produz “minha carro” ou “meu bola” pode estar fundamentado em algum fenômeno do processo pré-sintático ou do pós-sintático. Se tal fato se desencadear durante o processo pré-sintático, pode-se dizer que a criança ainda não teria fixado os traços pertinentes ao possessivo, ou não teria identificado suas possibilidades de valoração, ao menos no que concerne ao traço de gênero e sua relação de concordância com o gênero do nome. Porém, Name (2002) sustenta que a criança identifica a classe de gênero dos nomes a partir da variação morfo-fonológica dos elementos da Categoria Determinante (D) e sua concordância com o nome no Sintagma Determinante (SD). Name apresenta resultados experimentais de compreensão em que, ao fim de seu segundo ano de

vida, a criança reage à incongruência de gênero entre determinante e nomes conhecidos, sugerindo que, nessa idade, ela já tenha identificado o traço de gênero relativo aos nomes e processa a concordância de gênero no DP (Name, 2002; Corrêa & Name, 2003; cf. 2.6.1.). Ainda que nesses estudos sejam considerados determinantes apenas artigos definidos e indefinidos e demonstrativos, pode-se imaginar que o mesmo aconteceria em relação ao possessivo. Como membro da Categoria Funcional D (cf. Radford, 1997; ver seção 3.1.2) ou constituindo uma Categoria Funcional distinta Poss (cf. Adger, 2002; ver seção 3.1.2 adiante), é pertinente supor, em função dos resultados de Name, que nessa idade a criança também processaria a concordância de gênero entre possessivo e nome.

De qualquer forma, se o fenômeno da troca de gêneros na produção infantil for decorrente de um processo pré-sintático, i.e., da não fixação dos traços referentes a gênero no possessivo ou de suas possibilidades de valoração, na sua relação de concordância com membros da Categoria Nome, seria esperado que a criança, então, também apresentasse dificuldade no processamento da concordância de gênero entre possessivo e nome na compreensão.

Por outro lado, se o fator desencadeador deste tipo de produção for decorrente do processo pós-sintático, pode ser que a criança já tenha fixado os traços, mas ainda não apresente a produção esperada na língua alvo, ou seja, há uma representação morfo-fonológica diferente daquela do *input* no nível de representação lingüística. A identificação da forma - do Item de Vocabulário, segundo a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993; apud Augusto, no prelo) - associada ao traço de gênero valorado no possessivo, poderia não estar

ainda concluída, gerando uma instabilidade em seu uso e, conseqüentemente, a produção de possessivos com formas incongruentes em relação à sua concordância com o nome. Se for esse o caso, seria esperado encontrar, na produção da criança que apresenta tal fenômeno, tanto formas congruentes em gênero (*meu* carro, por exemplo), quanto incongruentes (*minha* carro). Essa instabilidade na produção do gênero dos possessivos não significa que a criança ainda não compreenda o processamento de concordância entre possessivo e nome, embora algumas crianças não produzam efetivamente essa concordância em um determinado momento do processo de aquisição de sua língua. Além disso, seria esperado que a criança realizasse com sucesso o processamento da concordância de gênero entre possessivo e nome na compreensão.

Essas possibilidades serão retomadas no capítulo 5, quando serão apresentados os dados coletados e os resultados dos experimentos.

Antes de aprofundar a discussão sobre essas possibilidades, é importante verificar como o Pronome Possessivo se comporta na estrutura sintática dentro de uma concepção teórica minimalista.

3.1.2. O PRONOME POSSESSIVO NO PROGRAMA MINIMALISTA

Seguindo Abney (1987) e todo o desenvolvimento posterior da teoria, esse trabalho assume o pressuposto que o núcleo de um sintagma nominal é uma categoria funcional, mais especificamente, a Categoria Determinante:



Há diferentes concepções sobre o que se considera como sendo determinante. Radford (1997) considera determinantes os itens que apresentam determinadas propriedades referenciais e quantificacionais dos nomes que acompanham. Segundo o autor, neste conceito cabem artigos definidos e indefinidos, demonstrativos, possessivos e quantificadores. O autor argumenta que a presença de tais itens exclui o uso de outro determinante:

- (2) a-*the my car
- b-*this your book
- c-*every the my friends

Contudo, em português o uso concomitante de artigos e demonstrativos com quantificadores e possessivos é perfeitamente possível:

- (3) a- o meu carro
- b- este seu livro
- c- todos os meus amigos

É importante notar que artigos e demonstrativos, juntos, não se comportam dessa forma em português:

- (4) a-*o este livro
- b-*aquela a menina
- c-*um esse carro

Embora os quantificadores sejam bem aceitos na literatura como determinantes, esses também ocorrem concomitantemente com artigos, demonstrativos e possessivos como visto na construção “todos os meus amigos”. Porém, essa questão não será desenvolvida aqui por não ser relevante para a proposta deste trabalho.

Outro fato que diferencia possessivos dos demais determinantes é que estes possuem uma certa mobilidade dentro da sentença, o que não ocorre com artigos e demonstrativos:

(5)	o amigo	*amigo o
	um carro	*carro um
	essa menina	menina essa (ver abaixo)
	meu amigo	amigo meu
	seu carro	carro seu
	nosso livro	livro nosso

Essa mobilidade dos possessivos dentro da sentença traz conseqüências sintáticas e semânticas dependendo da posição que este ocupa em relação ao nome – pré ou pós nominal. Tais conseqüências serão discutidas mais adiante neste trabalho, na seção 3.2.2.

Vale ressaltar, ainda, que os demonstrativos também possuem alguma mobilidade em contextos específicos como “... *menina* essa que eu não ousou sequer falar o nome...”. Essa possibilidade de variação de posição dos demonstrativos, com certeza, acarreta também uma variação sintática e semânti-

ca. Como essa dissertação não tem como foco a abordagem do comportamento dos demonstrativos, essa questão não será discutida

Diferentemente de Radford, outros autores, como Carstens (2000) e Adger (2002), consideram possessivos itens distintos dos demais determinantes, atribuindo a estes uma posição própria na estrutura sintagmática.

Assim, considerando os exemplos acima, percebe-se que os possessivos não se encaixam exatamente na proposta para determinantes de Radford. Portanto, neste trabalho considera-se como determinantes artigos definidos e indefinidos e demonstrativos. Confere-se aos possessivos um comportamento distinto destes e, conseqüentemente, trata-os como elementos de uma categoria funcional distinta da Categoria D, embora também os possessivos façam parte do conjunto de itens funcionais.

Recuperando-se o que já foi dito, pode-se caracterizar os possessivos como sendo sintaticamente distintos dos demais determinantes nos seguintes pontos:

1. possibilidade de uso com artigos, demonstrativos e até mesmo com quantificadores, e
2. mobilidade na sentença, podendo ocupar a posição anterior ou posterior ao nome que refere.

Uma vez que se definiu o que será considerado como determinante neste trabalho, é necessário que se recupere o pressuposto deste ser o verdadeiro núcleo de um sintagma nominal, formando, assim, o sintagma determinante (DP).

Como núcleo de um sintagma, o determinante seleciona um complemento e um especificador. O complemento é o sintagma nominal. Certas formas possessivas podem ser consideradas como especificador (Abney, 1986 apud Adger, 2002). Nessa proposta, considera-se que, em inglês, a semântica dos possessivos é realizada sintaticamente de duas formas: através do uso da preposição *Of* (6), ou através do uso conhecido como Genitivo Saxão (7):

(6)- An idea of John's.

(7)- John's idea.

A proposta de considerar o Genitivo Saxão como especificador do DP é baseada no fato de que este, embora se apresente em distribuição complementar com artigos (atestam a agramaticalidade das formas em (8) e (9)), consiste em um sintagma (XP) e não em um simples nóculo (X) (10):

(8)- *The John's Idea.

(9)- *John's the idea.

(10)- [One of our oldest friend's] idea.

Uma vez que o especificador do DP é o Genitivo Saxão e este compete com artigos e demonstrativos pela mesma posição (distribuição complementar), pode-se verificar a existência de um determinante nulo:



Ainda, no que diz respeito à distribuição dos argumentos de N no DP, pode-se traçar um paralelo com o VP. Assim como os nomes relacionados a verbos mantêm uma relação argumental com estes, alguns nomes selecionam argumentos no DP. Esses nomes são conhecidos como deverbais:

(12)- The artist analysed Monalisa.

(13)- The artist's analysis of Monalisa.

Da mesma forma que o verbo *analyse* seleciona “the artist” como agente e “Monalisa” como tema, o nome *analysis* seleciona “the artist’s” como agente e “of Monalisa” como tema, ou seja, verbo e nome selecionam os mesmos papéis temáticos. Embora esses elementos possuam papéis temáticos iguais, apresentam sintaxes distintas, uma vez que na oração há um nominativo e um acusativo e no DP o tema se realiza de forma preposicionada, enquanto o agente aparece na forma de genitivo saxão.

No entanto, nem todos os nomes selecionam papéis temáticos. Usando-se ainda os exemplos de Adger (2002:218), nomes como *wallet* e *goldfish* não possuem argumentos, mas podem ocorrer com possuidores:

(14)- *Mary's goldfish.*

(15)- *The wallet of Terry's.*

Nos exemplos (14) e (15) os nomes próprios não aparecem como agente ou tema e sim como possuidores. O nome próprio no PP do exemplo (15) possui uma marca igual a do genitivo saxão. Porém, essa marcação não é exatamente a mesma em ambos os casos. Isso pode ser verificado pelo fato de os pronomes possessivos, em inglês, em posição pós-nominal, terem uma morfologia diferente dos que ocupam posição pré-nominal:

(16)- *My car.*

(17)- *A car of mine*

Essa marcação de genitivo que aparece no possuidor preposicionado é conhecida como Genitivo Independente, o qual é usado para marcar apenas possuidores e nunca tema:

(18)- **The artist's analysis of Monalisa's.*

Em inglês, não parece ser possível a co-ocorrência de agente, tema e possuidor, mesmo que apresentem, respectivamente, as forma de genitivo saxão, de PP e de genitivo independente:

(19)- *Mary's photograph of Pugsly of John's.

Essa restrição parece ser puramente sintática, pois é possível expressar o agente na forma by-PP ou o possuidor usando um adjunto modificador:

(20)- That photograph by Mary of Pugsly of John's.

(21)- Mary's photograph of Pugsly belonging to John.

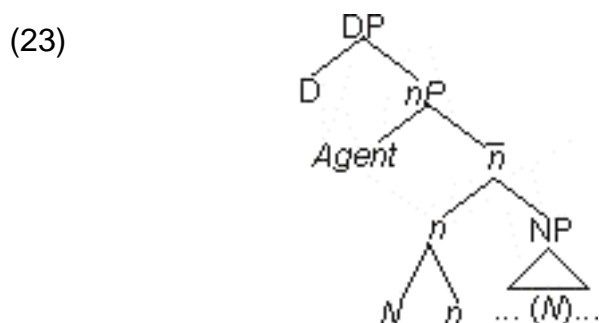
O que se tem, então, é a existência de certos nomes que parecem ter estrutura argumental – deverbais – e outros que não selecionam papéis temáticos – nomes “simples”. Os deverbais selecionam agentes na forma de genitivo saxão e temas na forma de PP ou de genitivo saxão. Os demais nomes não possuem argumentos, porém pode se unir a possuidores que podem ser realizados como genitivo independente ou como genitivo saxão ou, ainda, como pronome possessivo.

Seguindo-se a argumentação apresentada em Adger, chega-se à proposta de uma configuração do DP paralela a do FP. Assim como VPs estão contidos em uma projeção v , NPs estão contidos em um nP . Isso significa que a Hierarquia Nominal das Projeções seria:

(22)- $D > n > N$

Da mesma forma que o agente do VP deve ser concatenado (*merged*) como especificador de v , enquanto o tema do VP é considerado como sua filha, argumentos que são concatenados (*merged*) como filhas de NP são interpreta-

das como tema e, argumentos que são concatenados (*merged*) como especificadores de uma projeção *n* são interpretados como agentes. A estrutura do DP seria a seguinte (cf. Adger, 2002:220):



No caso do nome não selecionar um agente, a projeção de *n* seria opcional. Porém, o nome pode alçar-se para *n* permitindo, então, a projeção de *n* mesmo quando não houver agente. Assumindo-se o raciocínio apresentado em Adger, assim como *v* é uma projeção obrigatória e necessita de um especificador, *n* comporta-se da mesma forma. Isso significa que a projeção *n* existiria também em estruturas com nomes que não selecionam argumentos.

A posição do DP na sentença define o tipo de traço que será checado. Por exemplo, os pronomes são especificados por diferentes traços de caso, dependendo da sua posição na sentença:

(24)- He loves him/*Him loves him/*His loves him.

(25)- His book/*He book/*Him book.

Considerando os exemplos acima, nota-se que apenas o nominativo pode ocupar a posição de sujeito na sentença, assim como apenas o pronome

possessivo pode ocorrer como possuidor no DP. O traço de caso no DP é intrinsecamente relacionado com a posição sintática do DP. Na checagem de caso interna do DP, encontra-se o caso genitivo ao invés de nominativo porque o núcleo D no DP checa caso genitivo.

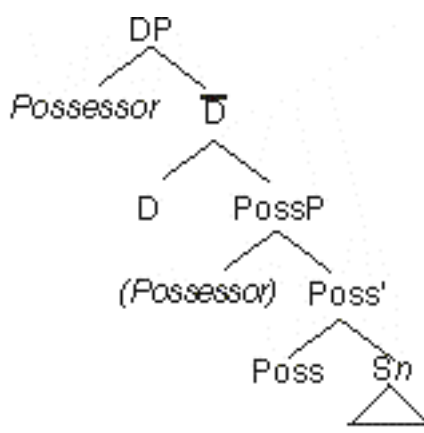
Se

(1) nomes que não possuem estrutura argumental podem ocorrer com possuidores e

(2) possuidores não podem ser combinados como filhas do NP ou como especificadores de *n*, pois essas posições são reservadas para tema e agente, respectivamente,

então, é preciso que se postule uma categoria funcional (opcional) que os abriguen – a Categoria Poss. Os possuidores são concatenados (merged) como especificadores dessa categoria como demonstrado na estrutura abaixo (Adger, 2002:226):

(26)



Assim sendo, conforme a proposta teórica apresentada, assume-se, neste trabalho, que os possessivos se caracterizam como elementos funcionais pertencentes à Categoria Funcional Poss.

No que se refere à concordância de gênero entre possessivo e nome, não há muitos trabalhos tratando da questão. O próprio Adger (2002) deixa em aberto essa questão. Portanto, neste trabalho assume-se uma proposta de concordância entre possessivo e nome semelhante à de Name (2002), que defende que essa concordância seja realizada *in situ*, ou seja, sem movimento, assim como a concordância entre determinante e nome.

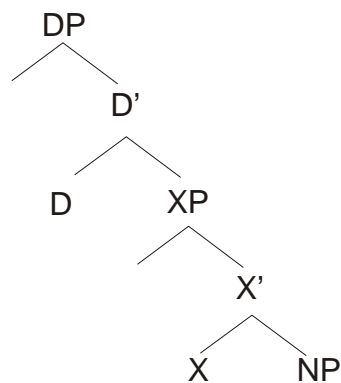
Será visto, a seguir, o comportamento dos possessivos em português, enfatizando-se o seu uso como possuidor (meu carro). Busca-se uma interpretação dos dados que seja compatível com a proposta teórico-sintática assumida.

3.2.PERSPECTIVA SINTÁTICA E SEMÂNTICA DO POSSESSIVO NO PORTUGUÊS

3.2.1. A PROPOSTA DE CERQUEIRA (1996)

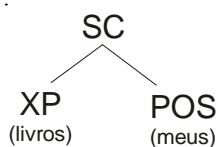
Cerqueira (1996) analisa a sintaxe do possessivo em PB, tendo como base teórica o Programa Minimalista nas suas propostas iniciais (Chomsky, 1995). Dessa forma, defende, numa combinação das propostas de Abney (1987) e Szabolcsi (1983; 1994), que o NP do português é uma estrutura que abriga, além do núcleo nominal, duas categorias funcionais: a categoria D (determinante) e uma outra categoria X (=AGR) que aloja em seu especificador a forma possessiva (Cerqueira, 1996:43):

(27)



Para isso, propõe a construção de uma mini-orção na qual se estabeleça a relação entre possuído e possuidor, garantindo-lhes independência estrutural. Nesse tipo de estrutura, o possuidor constitui parte do predicado e o possuído, seu argumento externo Cerqueira, 1996:46):

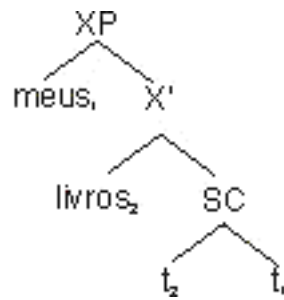
(28)



Assim, POS é uma projeção máxima que inclui o possuidor, sendo este um pronome ou sintagma nominal pleno e XP é uma projeção máxima, no mínimo um NP, que inclui o possuído.

Cerqueira também assume a existência de uma categoria funcional X, que tem como complemento a mini-orção SC, da qual atrai para si o núcleo que ela seleciona, através da operação *Move*. O possessivo pré-nominal alça-se para o especificador de X num processo de substituição (Cerqueira, 1996:48):

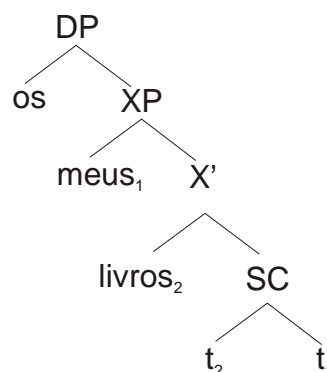
(29)



Segundo o autor, tais movimentos devem ser obrigatórios para que ocorra a checagem de algum traço. Em Cerqueira (1993, apud Cerqueira 1996), X é tido como Agr nominal, contendo, no mínimo, traços-phi de pessoa e número. No entanto, o autor coloca a possibilidade de esse processo de checagem poder abranger outros elementos que, para efeito de simplificação, não serão discutidos nesse trabalho.

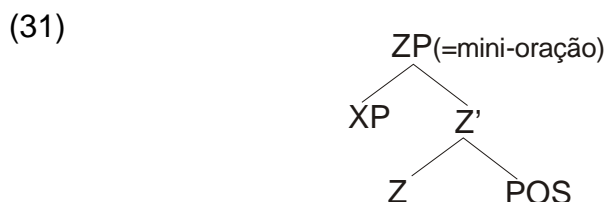
Por fim, Cerqueira (1996:49) assume para a sua estrutura a categoria funcional D, na forma do artigo definido:

(30)



A intenção do autor ao propor uma estrutura de mini-orção é de manter uma liberdade de movimento entre possuidor e possuído. Para isso, introduz

na construção uma categoria relacional com a função de intermediar a relação entre possuidor e possuído. Essa categoria pode ser identificada como uma preposição (Cerqueira, 1996:50):



3.2.2. A PROPOSTA DE MULLER (1997)

Muller (1997) explora as características sintáticas e, sobretudo, as características semânticas do possessivo. Segundo a autora, em português, o possessivo se apresenta na forma pronominal (ou sintética) (32) e na forma genitiva (ou analítica) preposicionada (33):

(32)- minha casa/casa minha

(33)- casa da Maria/casa dela/*da Maria casa/*dela casa

A principal diferença entre estas duas formas está na posição que ocupam na sentença. Os possessivos pronominais aparecem tanto na posição pré- quanto pós-nominal, enquanto os preposicionados (ou genitivos) ocupam apenas a posição pós-nominal. Não há em português uma forma possessiva construída como o Genitivo Saxão.

Como já foi visto, os possessivos em português não se encontram em distribuição complementar com os artigos, salvo o fato de a forma genitiva apresentar a seqüência Art + N + Pos[Prep + Art + N]:

(34)- O carro do meu amigo.

Dessa forma, o SD especificado por um possessivo pode ou não apresentar um determinante nulo:

(35)- Meu amigo.

(36)- O meu amigo.

É importante frisar que o termo genitivo pode ser atribuído tanto ao caso abstrato usado pela teoria gerativa a fim de designar certos argumentos de um núcleo nominal, quanto à forma não pronominal de designar posse. Em português, o genitivo não é tratado como um caso morfológico, mas a teoria gerativa assume que, em todas as línguas, os sintagmas nominais devem possuir caso independente da realização ou não de uma marca morfológica. Nesse sentido mais amplo, o genitivo será usado no estudo aqui apresentado.

Em sua forma genitiva, o possessivo apresenta um estudo semântico de certa complexidade. Muller coloca critérios descritivos para a caracterização do “argumento” genitivo em português:

(I) a introdução pela preposição *de*;

(II) a relativização por *cujo*;

(III) a não aceitação de pronomes, com a exceção de *ele(a)* e das formas de tratamento *você(s)* e *a gente*;

(IV) a possibilidade de substituição por um pronome possessivo.

Tais critérios são exemplificados abaixo:

(37) A professora **do menino** é competente.

(38) O menino **cuja** professora é competente.

(39) A professora **dele/de vocês/da gente** é competente

*A professora **de mim/de ti/de nós** é competente.

(40) A professora **minha/tua/nossa** é competente.

e valem também para os genitivos pós-nominais de nomes deverbais-
genitivo objetivo e genitivo subjetivo:

(41) A despedida **do Papa**.

(42) Papa **cuja** despedida.

(43) A despedida **dele**.

*A despedida **de mim**

(44) ?A despedida **minha**.

Esses genitivos ligados a nomes deverbais possuem uma interpretação paralela à interpretação do sujeito e do objeto do verbo correspondente:

(45) O Papa despediu-se.

Muller destaca ainda dois grupos de sintagmas de+N:

a)- os que satisfazem exigências temáticas do núcleo:

i- A boca **da serpente** come a própria cauda. (possuidor)

ii- A novela **de Agnaldo Silva** foi um sucesso.(agente)

iii- Você tem idéia **do futuro**? (tema)

b)- e os que simplesmente qualificam, modificam ou especificam o núcleo nominal. Estes não são reconhecidos como argumentos genitivos, pois não satisfazem os critérios citados anteriormente:

i. O vento **do mar** tocou suavemente seu rosto.

A interpretação dos argumentos genitivos de nomes não deverbais possui três interpretações principais: agente, tema e possuidor, como visto nos exemplos de a) acima e nenhuma dessas interpretações pode se realizar mais de uma vez dentro de um mesmo sintagma nominal:

(46) *A mãe [POSSda menina] [POSSda mulher]

(47) *O filme [AGENTEde Walter Salles] [AGENTE do cineasta brasileiro]

(48) *A figura [TEMAde um lugar] [TEMAde uma praia]

Ao mesmo tempo, interpretações diferentes podem co-ocorrer na mesma sentença:

(49) O retrato [TEMAde si mesmo] [POSSdo colecionador]

Muller conclui estabelecendo uma hierarquia do comportamento sintático e semântico do argumento genitivo pós-nominal de não-deverbais: possessivo>agente>tema, do mais externo para o mais interno, sendo agente o argumento externo do sintagma e tema o argumento interno deste:

(50) Fotos [TEMAde Luíza Brunet] [AGENTEde David Zing] [POSSdo colecionador].

Tomando este exemplo e considerando os pressupostos do Programa Minimalista, pode-se concluir que, sintaticamente, o argumento possessivo *do colecionador* é o especificador do SD *fotos de Luíza Brunet*.

Relacionando estruturalmente os argumentos genitivos de um nome-núcleo com o pronome possessivo anteposto ao nome, nota-se que este pode pronominalizar qualquer um dos argumentos genitivos: tema, agente/experienciador e possuidor:

(51) *Meu* livro.

(52) *Sua* apresentação.

No exemplo 51, o possessivo *meu* pode ser tanto o tema (o livro que está comigo), quanto o agente (o livro que eu escrevi) ou o possuidor (o livro que eu possuo). Já em 52 o pronome *sua* é ambíguo entre uma interpretação de argumento externo (agente) ou de argumento interno (tema). Nesses casos, a decisão de qual argumento deve ser atribuído ao possessivo depende do conhecimento do contexto em que se faz o enunciado.

Vale acrescentar que há um princípio que rege a pronominalização de um argumento genitivo: apenas um argumento, aquele que ocupa a posição hierarquicamente mais alta no sintagma nominal, pode ser pronominalizado por um pronome possessivo (Giorgio & Longobardi, 1991; apud Muller, 1997). Em

outras palavras, o uso de um pronome possessivo impossibilita a ocorrência de um outro genitivo pós-nominal que seja interpretado como o mesmo argumento:

(53) *A [POSS sua escola] [POSS de Maria]

embora isso não aconteça caso os argumentos sejam distintos:

(54) A [POSS/AGENTE minha] foto [POSS/AGENTE/TEMA de Filipe]

Assim como o argumento genitivo, o pronome possessivo anteposto ao núcleo nominal ocupa uma posição hierarquicamente mais alta que a posição ocupada pelo núcleo, seus argumentos internos e externos e adjuntos no sintagma determinante. Muller justifica esse fato apresentando uma evidência empírica do comportamento do possessivo em relação à coordenação. Como se pode perceber no exemplo (55), a representação em chaves indica que o pronome possessivo se aplica ao constituinte formado pela coordenação dos dois constituintes mais internos:

(55) a. Maria adora [meus [[filmes do Glauber Rocha] e [discos da Bossa Nova]]].

b. A passadeira estragou todas as [minhas[[blusas de gola alta] e [calças de lycra]]].

Assim, a interpretação dos pronomes possessivos que acompanham nomes argumentais deve respeitar a seguinte hierarquia: possuidor>agente/experienciador>tema.

Por outro lado, o pronome possessivo pode não apresentar papel temático quando anteposto a um nome “simples” que não seleciona argumentos:

(56) *Meu* gato.

(57) *Minhas* bonecas.

Nesse caso, ele marca apenas posse.

3.2.3. DISCUSSÃO

É exatamente nesse tipo de possessivo demonstrado em (56) e (57) que este trabalho se concentra, uma vez que se apresenta mais recorrente na fala da criança em processo de aquisição da língua materna. Esse estudo se fará desconsiderando a possibilidade de questões ambíguas que dependem do contexto da enunciação, como foi visto nos exemplos (51) e (52).

Esse possessivo não-argumental remete ao possuidor, marcando-o morfologicamente e concorda em gênero e número com o nome do objeto possuído. De acordo com a teoria gerativa, gênero e número são traços formais legíveis no sistema computacional e podem ser intrínsecos ou opcionais, [+interpretáveis] ou [-interpretáveis]. No caso dos pronomes possessivos, o traço de gênero é opcional e [-interpretável], ou seja, precisa ser valorado e eli-

minado, o que pode ser feito estabelecendo-se a concordância desse traço com o do alvo Nome.

Assim, recupera-se a idéia de que a aquisição da linguagem está ligada aos processos pré- e pós-sintáticos, discutidos na descrição do sistema computacional. No caso específico da incongruência de concordância do gênero do pronome possessivo com o gênero do nome do objeto possuído, pode-se dizer, resumidamente, que a criança que produz tal incongruência o faz porque:

1. não fixou os traços de gênero do possessivo ou suas possibilidades de valoração (processo pré-sintático), ou
2. já fixou os traços, mas sua representação morfo-fonológica do possessivo é diferente da do *input* que recebe (processo pós-sintático)

Portanto, para que a produção da criança coincida com o *input*, é necessário que esta identifique as marcas morfo-fonológicas do traço de gênero no possessivo. Essa identificação de marcas morfo-fonológicas parece se dar muito cedo no processo de aquisição da linguagem e consiste, a princípio, no reconhecimento, por parte da criança, dos padrões lingüísticos – fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Para se discutir este ponto, recorre-se a um modelo de processamento que dê conta do modo como a criança extrai informações dos enunciados, a fim de identificar as propriedades/ os traços particulares da língua a que é exposta. A seguir, será apresentado o modelo psicolingüístico do Bootstrapping Fonológico, modelo que busca dar conta do

processo da aquisição da linguagem a partir da análise prosódica e fonológica da fala da criança.

3.3. O BOOTSTRAPPING FONOLÓGICO

O Bootstrapping consiste em um modelo teórico psicolingüístico que trata do modo como a criança identifica padrões lingüísticos que possibilitem o desencadeamento do programa biológico, permitindo à criança perceber a maneira como categorias e relações gramaticais se manifestam na língua que está sendo adquirida.

O Bootstrapping Fonológico (Morgan & Demuth, 1996 apud Jusckzvck, 1997; Christophe et al. 1997) é um modelo que se apóia na idéia de que, mesmo havendo uma Gramática Universal inata, a aquisição de uma língua se dá a partir de dados fonológicos do *input* a que a criança tem acesso. Por outro lado, o estímulo externo não é suficiente para que se dê a aquisição. O processamento do material lingüístico é imprescindível para que ocorra a identificação dos elementos da língua, ou seja, das categorias lingüísticas comuns a todas as línguas, fazendo com que as crianças relacionem os elementos extraídos dos enunciados com essas categorias. Para isso, a criança deve estar apta ao processamento do material lingüístico desde o início da aquisição da linguagem.

Nessa perspectiva, os dados relevantes para que se dê o processo de aquisição da linguagem são marcas prosódicas/fonológicas que a criança identifica como sendo específicas da organização sonora de sua língua natural e

são usadas na segmentação de sentenças, unidades sintáticas, assim como unidades lexicais.

Desde muito cedo, a criança demonstra certa sensibilidade às propriedades específicas das línguas naturais. Supõe-se que a criança extrai informações de regularidades de sua língua, tais como:

1. Propriedades fonotáticas: probabilidade de ocorrência contígua de determinados fonemas;
2. Propriedades supra-segmentais: contorno rítmico de unidades lingüísticas, padrão de acentuação de palavras;
3. Propriedades de distribuição estrutural: posição constante de determinados itens em sintagmas e frases.

Experimentos nessa área de estudo sugerem que bebês nascem com a capacidade de discriminação entre vogais e consoantes possíveis em línguas naturais (Peperkamp & Dupoux, 2002; apud Name 2002). Com poucos dias, são sensíveis a propriedades acústicas de itens funcionais (Shi et al., 1999; apud Name 2002). Aos 4 meses, são sensíveis à fronteira entre orações (Jusczyk, 1989; apud Name 2002). Por volta dos 6 meses, os bebês começam a perder a sensibilidade a contrastes entre vogais que não sejam de sua língua materna (Polka & Werner, 1994; apud Name 2002). Aos 9 meses, mostram-se sensíveis a fronteiras entre sintagmas (Jusczyk et al., 1992; apud Name 2002) e às combinações de fonemas possíveis na sua língua. Entre 10 e 12 meses,

os bebês perdem a sensibilidade a contrastes entre consoantes que não sejam de sua língua natural (Werker & Tees, 1984; apud Name 2002). Aos 11 meses, são sensíveis à fronteira de palavras (Myers et al., 1996) e aos itens funcionais de sua língua materna (Shady, 1996). Em torno de 1 ano e meio, são sensíveis à posição estrutural dos itens funcionais de sua língua (Shady, 1996).

Esses dados contribuem para a idéia de que os primeiros dezoito meses de vida da criança são fundamentais para seu desenvolvimento lingüístico, mesmo que ainda não haja produção efetiva.

3.3.1. A SENSIBILIDADE AOS POSSESSIVOS

Não foram encontrados trabalhos que tratassem especificamente de experimentos avaliando a sensibilidade de bebês aos possessivos. Name (2002) realizou experimento sobre a sensibilidade a determinantes no português e avaliou, em seguida, se a criança que já é sensível ao determinante é capaz de relacioná-lo à sua categoria. O resultado foi satisfatório no que diz respeito à sensibilidade de crianças, de 15 meses em média, aos aspectos fônicos de determinantes. Isso pressupõe a capacidade dessas crianças em caracterizar determinantes como uma classe fechada e mapeá-los com a categoria funcional D. Nesse trabalho, considerou-se como determinantes apenas artigos definidos e indefinidos e demonstrativos, excluindo-se, portanto, os possessivos do resultado encontrado.

Embora não tenha sido encontrado nenhum trabalho que trate exclusivamente da sensibilidade de bebês a possessivos, alguns estudos psicolingüís-

ticos têm explorado a percepção de bebês e crianças a itens funcionais como um todo. Algumas propriedades acústico-fonológicas são peculiares aos itens funcionais, distinguindo-os dos itens de classes abertas – itens lexicais. Parte dessas propriedades são comuns às línguas naturais, o que permite que as distinções acústicas entre itens funcionais e lexicais sigam o mesmo padrão nas diferentes línguas. Pode-se citar como principais diferenças entre itens funcionais e itens lexicais o fato de os primeiros caracterizarem-se como uma classe fechada, além de apresentarem alta frequência no enunciado e um padrão acústico-fonológico característico, como o fato de apresentarem o mínimo de sílabas e reduzido inventário de fonemas possíveis (Shi, Werker & Morgan, 1999). Já os itens lexicais constituem uma classe aberta, apresentam baixa frequência no enunciado e não possuem padrão acústico-fonológico. Tais distinções parecem chamar a atenção do bebê desde muito cedo (Shi et al., 1999; Shady, 1996).

Shi e colaboradores (1999), usando o técnica da sucção não-nutritiva, realizaram experimentos com bebês de apenas 3 dias de vida. Esses experimentos consistiram na apresentação oral de listas de itens funcionais e listas de itens lexicais. Nas listas de itens funcionais foram acrescentados pronomes possessivos (your) e nas listas de itens lexicais foram acrescentados possessivos na forma genitiva (mommy's). Os bebês reagiram consistentemente à mudança de itens. Esse resultado sugere que, com poucos dias de vida, bebês são sensíveis a propriedades acústicas dos itens de sua língua. Tal sensibilidade pode ser usada, mais tarde, na identificação e distinção de itens funcionais e lexicais.

Höhle & Weissenborn (1998) observaram a sensibilidade de bebês de 7 a 15 meses a itens funcionais, no alemão, usando a técnica de escuta preferencial. Para isso, foram usados dois conjuntos de estímulos: um de itens lexicais e outro de itens funcionais, cada um contendo quatro palavras selecionadas de acordo com o critério fonológico. O conjunto de itens lexicais continha palavras apenas da categoria Nome: *Schaf* 'carneiro', *Fisch* 'peixe', *Teich* 'tanque' e *Bett* 'cama'. O conjunto de itens funcionais consistia de 2 preposições – *bis* 'até' e *von* 'de'* - e 2 determinantes. Os autores consideraram como determinantes, além do artigo definido neutro *das*, o possessivo masculino de 3ª pessoa *sein*. As crianças foram divididas em dois grupos. Um grupo foi familiarizado com dois dos quatro itens lexicais e o outro, com dois dos quatro itens funcionais, ambos durante o tempo de 30 segundos. Na fase do teste, foram construídos pequenos textos com seis sentenças sintaticamente simples, nas quais as posições das palavras-alvo (itens lexicais ou itens funcionais) eram variadas. Na fase de teste, todas as crianças foram expostas a todos os textos de um conjunto, por quatro vezes, em quatro blocos. Entre as crianças, a ordem de apresentação desses blocos foi variada. O resultado mostrou que as crianças prestaram mais atenção aos textos que continham itens funcionais já familiarizados. Quanto aos itens lexicais, não houve distinção entre os já familiarizados e os não familiarizados. Em um segundo momento, os pesquisadores, a fim de fazer uma nova análise, dividiram os resultados em dois blocos em função das idades das crianças. Dessa vez, os resultados do experimento foram divididos em um bloco de crianças entre 7 a 9 meses e meio e outro bloco de crianças de 9 meses e meio a 15 meses. O resultado dos dois subgrupos confirmou o resultado anterior: as crianças do grupo dos itens funcionais, tanto

as mais novas, quanto as mais velhas, escutaram por mais tempo as sentenças que continham os itens já familiarizados e as crianças do grupo dos itens lexicais não apresentaram preferência significativa entre os itens já familiarizados e os não-familiarizados. O resultado final sugere que crianças entre 7 e 15 meses, apesar de ainda, na maioria das vezes, não produzirem itens funcionais, possuem habilidades perceptuais para reconhecerem esses itens na fala contínua. Mais do que isso, apresentam uma sensibilidade maior aos itens funcionais do que aos itens lexicais⁴.

Como visto, o possessivo, embora nesta dissertação não seja considerado como determinante (cf. seção 3.1.2, capítulo 3), é um item funcional. Uma vez que os estudos citados acima utilizaram, também, de formas possessivas como exemplos de itens funcionais, pode-se inferir, então, que a sensibilidade apresentada pelos bebês de 3 dias também se refere às propriedades dos possessivos, uma vez que estes foram incluídos nas listas dos experimentos de Shi e colaboradores (1999). Da mesma forma, os resultados de Höhle & Weisenborn (1998) apontam, também, para o reconhecimento de possessivo pelas crianças naquela faixa de idade. É importante ressaltar que o fato de a criança ser sensível a um determinado item funcional não significa que ela já o identificou como membro de uma determinada categoria, mas é um pré-requisito para que ela venha a fazê-lo.

⁴ É importante ressaltar que as preposições usadas pelos experimentadores, *von* 'de' e *bis* 'até', podem ser tanto itens funcionais (*Gosto de você*) como itens lexicais (*Cheguei de Portugal/Vou até minha casa*). Como não tivemos acesso às expressões formadas com essas preposições, não podemos afirmar de que forma foram utilizadas.

3.4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Um dos objetivos desta dissertação é dar conta do fato de algumas crianças realizarem produções de concordância de gênero incongruente entre o pronome possessivo e o nome que se refere ao objeto possuído, em determinada etapa do processo de aquisição do PB.

Para isso, concilia-se uma teoria de linguagem gerativista e um modelo de aquisição da linguagem que valorizem a existência de um sistema computacional responsável pelo processamento lingüístico e o modo como a criança extrai do material lingüístico que ela tem acesso informações acerca da língua em aquisição. Tal modelo de sistema computacional distingue os processos sintáticos em três níveis: pré-sintático, sintático e pós-sintático. No que concerne à aquisição da linguagem, consideram-se os níveis pré- e pós-sintáticos.

A questão que envolve a realização incongruente da concordância de gênero entre possessivos e nomes parece ter sua origem no processamento sintático da linguagem. Busca-se saber se o problema consiste no processo pré-sintático, ou seja, durante a identificação e valoração do traço de gênero dos possessivos; ou no processo pós-sintático, na fase de produção e realização dos traços morfo-fonológicos do item possessivo.

Neste capítulo, foram vistas concepções para o tratamento do possessivo. A princípio, verificou-se a possibilidade da criação de uma Categoria Funcional Poss opcional, partindo-se do estudo do genitivo saxão do inglês. Depois, observou-se que a sintaxe dos possessivos em português determina a

maneira pela qual seus significados podem ser expressos, ou seja, a posição que o possessivo ocupa na sentença relaciona-se com a semântica que este apresenta.

É importante considerar que, como foi visto, a criança começa a ser sensível, por volta dos 10 meses, a itens funcionais, inclusive aos possessivos, e no final do segundo ano de vida já processa a concordância de gênero entre determinante (artigos e demonstrativos) e nome. Isso sugere que a criança, por volta dos dois anos, já tenha identificado e fixado os traços pertinentes ao possessivo, inclusive o traço de gênero. Dessa forma, a incongruência entre possessivo e nome observada, nessa idade, parece não ser fruto do não reconhecimento do possessivo e de sua concordância de gênero com o nome, a menos que a criança não estranhe produções do tipo “meu bola” ou “minha carro” na fala dos adultos. Se, ao contrário, esse tipo de produção causar estranhamento na compreensão de crianças por volta dos dois anos de idade, pode-se dizer que, apesar de produzir a concordância incongruente de gênero entre possessivo e nome, a criança não apresenta dificuldade no processamento dessa concordância na compreensão, sendo, portanto, um fenômeno do nível pós-sintático. Em outras palavras, a criança reconhece o traço de gênero do possessivo, mas pode apresentar uma representação morfo-fonológica diferente da do input que recebe.

A fim de identificar em qual desses níveis sintáticos se desencadeia o fenômeno da incongruência de gênero entre possessivo e nome, realizaram-se coletas longitudinais de dados e experimentos. O objetivo do estudo longitudinal de dados foi de verificar ocorrências de construções possessivas de gênero

incongruente. Uma vez observadas tais ocorrências, partiu-se para a realização de experimentos que tinham como propostas verificar a sensibilidade da criança ao item possessivo, verificar a sensibilidade da criança à posição estrutural do pronome possessivo anteposto ao núcleo nominal e, finalmente, verificar a capacidade de compreensão da criança a construções possessivas de gênero incongruente. Tais experimentos serão apresentados e discutidos no capítulo 5. Antes disso, as técnicas experimentais utilizadas serão descritas no capítulo 4, a seguir.

4. METODOLOGIA EXPERIMENTAL

Este capítulo descreve a técnica de coleta longitudinal de dados e as técnicas experimentais utilizadas nos experimentos realizados no decorrer deste trabalho. A princípio, optou-se pelo paradigma da seleção de objetos. Posteriormente, realizou-se um segundo experimento utilizando o paradigma da seleção de imagens.

4.1.O PARADIGMA DA SELEÇÃO DE OBJETOS

O modelo experimental da tarefa de seleção de objetos é uma versão do paradigma da seleção de imagens. Tal modelo é indicado quando o que se pretende é investigar as habilidades de percepção e compreensão lingüísticas. Pode ser aplicado tanto a crianças quanto a adultos, sejam pessoas portadoras de algum tipo de déficit ou não.

O objetivo básico desta metodologia é fazer com que o participante aponte para um objeto escolhido. Esse objeto deve ser apresentado juntamente com outros semelhantes oferecidos como estímulo. O direcionamento do olhar para um determinado objeto também pode ser considerado uma opção de resposta válida. Essa possibilidade ocorre comumente com crianças pequenas, as quais nem sempre apontam para os objetos. Nesse caso, conta-se o tempo decorrido entre a nomeação e a fixação do objeto escolhido, o que é feito *offline* por dois observadores diferentes.

Os estímulos lingüísticos são apresentados usando voz sintetizada. Esse recurso é utilizado para que haja um controle de possíveis diferenças prosó-

dicas entre os diferentes estímulos, buscando-se uma uniformidade prosódica destes. A voz sintetizada é “emitida” por um(a) boneco(a), estabelecendo uma relação lúdica entre ambos. Dessa forma, são permitidas alterações na fala do(a) boneco(a), sem que haja estranhamento por parte do participante.

Esse tipo de experimento pode ser realizado em qualquer lugar onde o sujeito se sinta à vontade, como sua própria casa, creche ou escola, desde que seja um ambiente calmo e silencioso. O experimento dura cerca de 15 minutos. Todas as sessões são gravadas para análise posterior (cf. Gerken & Shady, 1998).

Descrição da técnica

Material:

- 1) 4 listas constituídas de 10 ensaios. Cada ensaio corresponde a uma frase na qual o(a) boneco(a) pede que a criança o(a) entregue um determinado objeto, usando ora o possessivo de gênero congruente, ora o possessivo de gênero incongruente;
- 2) Objetos de nomes com gêneros masculinos e femininos, sendo que cada objeto apresentado em diferentes versões, variando na cor e, às vezes, na forma;
- 3) Fantoche de mão com um alto falante acoplado;
- 4) Aparelho de CD-player portátil;
- 5) Amplificador;
- 6) Cds com estímulos sonoros gravados;

7) Gravador de áudio portátil;

Procedimento:

Inicialmente, é feita uma familiarização entre o experimentador e o participante, neste caso, crianças. Esse tipo de familiarização tem o objetivo de deixar a criança mais à vontade, menos inibida na presença do experimentador.

Quando a criança já está ambientada, o experimentador apresenta um(a) boneco(a) que fala e procura familiarizar a criança com sua voz.

Cada tipo de objeto possui três versões, como variação na cor ou na forma. O experimentador apresenta à criança as três versões diferentes de cada tipo de objeto. Um dos objetos é apresentado como sendo do boneco e os outros dois, como sendo do experimentador. Essas versões são apresentadas uma por uma. É proposto, então o “jogo”: o(a) boneco(a) pede à criança que aponte para um determinado objeto. Os resultados foram registrados em papel por outro experimentador, durante a execução do experimento. Todos os experimentos foram gravados em áudio.

4.2.O PARADIGMA DA TAREFA DE SELEÇÃO DE IMAGENS

O modelo experimental da tarefa de seleção de imagens, como já foi dito, se assemelha a de seleção de objetos. Esse modelo é usado com o intuito de investigar as habilidades de percepção e compreensão lingüísticas. Pode, também, ser aplicado tanto a crianças quanto a adultos, sejam pessoas portadoras de algum tipo de déficit ou não.

Tal metodologia usa como medida o ato de o sujeito (criança ou adulto) apontar para a imagem escolhida. O direcionamento do olhar também pode ser tomado como medida e é, inclusive, bastante interessante, principalmente quando o experimento é realizado com crianças muito pequenas, que ainda não apontam para os objetos. Também podem ser feitas medidas *off-line* a partir da contagem de tempo entre a nomeação e a fixação da imagem escolhida.

Assim como na Seleção de Objetos, os estímulos são apresentados através de um(a) boneco(a) que produz uma voz sintetizada, a fim de manter uma uniformidade prosódica entre os diferentes estímulos lingüísticos. O(a) boneco(a) e a criança estabelecem uma relação lúdica, na qual são permitidas alterações na fala sem que haja estranhamento por parte da criança.

Tais experimentos podem ser realizados em qualquer lugar calmo, silencioso e que a criança se sinta à vontade, durando cerca de 15 minutos.

Descrição da Técnica:

Material:

- 1) Pranchas organizadas em livro com um número de duas a quatro imagens por prancha;
- 2) Fantoche de mão com alto-falante acoplado;
- 3) Amplificador;

4) CD-player e CD com estímulos sonoros gravados;

5) Gravador cassete para gravar a sessão.

Procedimento:

O experimentador participa de atividades escolares junto às crianças, para que se estabeleça uma relação de familiaridade entre ambos.

Quando a criança já está ambientada, o experimentador a leva para uma sala separada e lhe apresenta o(a) boneco(a) que fala e familiariza a criança com sua voz.

O experimentador mostra o livro de imagens e propõe a “brincadeira”: o boneco pede à criança que mostre determinada imagem ao experimentador.

As duas primeiras páginas do livro são de familiarização, para que a criança entenda e se acostume com a tarefa. As demais são páginas-teste.

4.3.A COLETA LONGITUDINAL DE DADOS

Um dos métodos de pesquisa mais antigos, e também dos mais usados, é a coleta longitudinal de dados. Esse método visa a registrar a evolução de determinados comportamentos humanos e é muito usado nos estudos da aquisição da linguagem.

Tal metodologia tem como objetivo descrever a evolução das habilidades lingüísticas de uma criança, especialmente no que diz respeito à produção de fala, buscando obter dados favoráveis às hipóteses assumidas por uma pesquisa.

O procedimento adotado em uma coleta longitudinal de dados varia de acordo com o tipo de dado que é relevante para a pesquisa em questão. No entanto, é importante que esses dados sejam confiáveis. Para isso, procuram-se seguir determinadas regras como, por exemplo, registrar os dados de fala de forma mais natural possível, realizar sessões de coleta em intervalos regulares e interagir com as crianças durante as sessões.

Para a pesquisa que se refere a essa dissertação, foi relevante o registro do uso de pronomes possessivos. As sessões de coleta foram realizadas durante 6 meses com duas crianças, uma do sexo feminino e outra do sexo masculino, que tinham, na época inicial da coleta, 1 ano e meio. As sessões eram feitas quinzenalmente na casa das crianças e duravam cerca de 20 minutos. Durante a atividade, procurou-se estimular o uso de pronomes possessivos, através de brincadeiras com os próprios brinquedos das crianças. Na interação, buscou-se também incluir outros objetos que não pertenciam às crianças. As sessões foram conduzidas apenas pela experimentadora e gravadas em áudio.

5. DADOS LONGITUDINAIS E EXPERIMENTOS

Neste capítulo, serão apresentados dados referentes a coletas longitudinais realizadas com duas crianças e resultados de dois experimentos, sendo um realizado sob o paradigma de seleção de objetos e, o outro, sob o paradigma da seleção de imagens.

As coletas longitudinais de dados tiveram como objetivo principal observar a ocorrência da concordância incongruente de gênero entre o possessivo e o nome do possuído. Essas coletas foram realizadas com duas crianças, um menino e uma menina, durante o período de 4 meses, entre 1 ano e 10 meses e 2 anos e 2 meses. A faixa etária foi escolhida por ser esta a fase correspondente ao momento do desenvolvimento lingüístico em que a criança começa a produzir as primeiras construções possessivas.

Os experimentos relatados neste capítulo buscaram prover evidências sobre:

1. o reconhecimento, pela criança entre 22 e 34 meses, dos pronomes possessivos do português e de sua posição estrutural no SD;
2. a identificação do estabelecimento de concordância sintática de gênero entre possessivo e nome;
3. o nível sintático responsável pelo fenômeno da incongruência de gênero entre possessivo e nome.

Conforme discussão levantada em 3.1, se tal fenômeno ocorrer no nível pré-sintático, pode ser que a criança ainda não identifique o traço de gênero do possessivo e, por isso, produz “minha carro” e “meu bola”. Se for esse o caso, então, a criança não deveria estranhar produções desse tipo no *input* que recebe, pois ela ainda não distinguiria uma forma congruente de uma incongruente. Já a possibilidade de essa ocorrência incongruente de gênero se dar no nível pós-sintático, sugere que a criança compreende e identifica o traço de gênero no possessivo, porém realiza uma produção diferente da do input que recebe. Isso quer dizer que a criança ainda não associa efetivamente a forma do Item de Vocabulário e seu respectivo traço de gênero. Se o fenômeno de incongruência estudado ocorrer nesse nível, a criança deve estranhar produções do tipo “meu bola” e “minha carro” na compreensão.

Tanto o experimento 1, do paradigma da seleção de objetos, quanto o experimento 2, do paradigma de seleção de imagens, foram realizados com o objetivo de verificar, portanto, se a criança demonstra, ou não, algum estranhamento diante de produções de concordância incongruente de gênero entre possessivo e nome. Os resultados desses experimentos serão comparados com os resultados de Name, referentes à incongruência de gênero entre determinantes e nome.

5.1. ANÁLISE DA COLETA LONGITUDINAL DE DADOS

A coleta de dados de produção foi feita com duas crianças, uma do sexo feminino (A) e outra do sexo masculino (B), sem relação de parentesco entre si, ambas com idade semelhante (22 meses no início da coleta), pertencentes à

classe média e residentes na cidade de Juiz de Fora. Foram realizadas sessões gravadas em áudio, nas residências das próprias crianças, de forma que se sentissem bem à vontade. As sessões duravam em média 30 minutos e consistiam em diálogos nos quais o experimentador estimulava a criança a produzir formas possessivas através de perguntas do tipo “de quem é...” ou “é do/a...”. Para isso, foram utilizados brinquedos e objetos que se encontravam no ambiente onde acontecia a atividade. As sessões ocorriam uma vez a cada 21 dias. A seguir, será apresentado um resumo dessas sessões.

Criança: A

Período de acompanhamento longitudinal: de 10/10/2004/ a 26/01/2005

Número de sessões gravadas: 05

Duração de cada sessão: 30 minutos (em média)

Tipos de situação de interlocução: Emissão espontânea

Emissão eliciada

Criança:A	Sessão									
	1		2		3		4		5	
Situação	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada
PossN Congruente						1	1		2	2
PossN Incongruente					1		1		2	
Pron Subst Congr					1		1	1		3
Pron Subst Incongr			1	1	1	1	2		2	1
Poss subespecificado em gen		1		2						
Genitivo	4	4	5	5	4	4	4	2	3	2
Total	9		15		13		12		17	

Tabela 5.1 - A produção de pronomes possessivos – Criança A

De acordo com os dados apurados, verifica-se que a criança A apresenta, na produção dos possessivos, uma seqüência coincidente com as etapas da produção observadas no português e em outras línguas (cf. cap.2, seção2.5.6). Na primeira seção, nota-se a produção predominante do genitivo e a ocorrência do pronome possessivo de gênero subespecificado (mi). Na segunda seção, a forma genitiva também é predominante e a forma pronominal aparece subespecificado ou com o gênero incongruente no papel de substantivo. Na terceira e na quarta seções, surge um maior número de ocorrências da forma pronominal. Essas se alternam quanto à posição - [Poss[N]] ou substantivo - e quanto concordância de gênero – congruente ou incongruente. O possessivo de gênero subespecificado já não aparece. Na quinta e última seção, é importante observar o aumento na produção de [Poss[N]] e o fato do número de formas pronominais superarem o número de formas genitivas.

Criança: B

Período de acompanhamento longitudinal: 29/10/2004 a 20//02/2005

Número de sessões gravadas: 05

Duração de cada sessão: 30 minutos (em média)

Tipos de situação de interlocução: Emissão espontânea

Emissão eliciada

:	Sessão									
	1		2		3		4		5	
Situação	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada	Espontânea	Eliciada
PossN Congruente							2		3	4
PossN Incongruente					2		2	1	1	
Pron Subst Congr			1	1		2		1	2	2
Pron Subst Incongr						1	2		1	1
Poss subespecificado em gen	2	3	1	2		2				
Genitivo	2	7	2	5	3	3	3	4	2	3
Total	14		12		13		15		19	

Tabela 5.2 - A produção de pronomes possessivos – Criança B

A criança B também cumpre as etapas da produção verificadas anteriormente. Assim como a criança A, em um primeiro momento, apresenta produ-

ções de formas genitivas, predominantemente, e de pronomes possessivos de gênero subespecificado. Gradativamente, na segunda seção, aparecem as primeiras produções da forma pronominal de gênero que aumentam na terceira seção e passam a apresentar incongruência no gênero. O [Poss[N]] também surge na terceira seção e se torna mais freqüente a partir da quarta seção, alternando-se com o possessivo substantivo e apresentando ou não incongruência no gênero. Na quinta seção há uma diminuição das formas que apresentam incongruência no gênero e uma predominância da forma pronominal em vez da genitiva.

As duas crianças observadas apresentaram produção de pronome possessivo com gênero subespecificado e incongruente. Os dados obtidos com essas coletas, no entanto, não permitem generalizar, para todas as crianças, o uso incongruente do gênero do possessivo em um determinado momento do processo de aquisição da língua materna. O que esses dados permitem dizer é que algumas crianças, independente de sexo, entre 22 a 26 meses, apresentam na sua produção construções de concordância de gênero incongruente entre o possessivo e o nome. Ressalva-se, ainda, que essas produções não são únicas na produção dessas crianças, pois há uma alternância entre produções possessivas congruentes e incongruentes. O que parece ocorrer, portanto, é uma fase de transição, em que a criança deixa de produzir apenas formas possessivas genitivas do tipo “do neném” e “do papai” e começa a produzir, também, formas possessivas pronominalizadas, como “é minha/meu” e [Poss[N]].

Foi observada nesse estudo uma certa seqüência no uso das formas possessivas durante processo de aquisição do possessivo, principalmente no que diz respeito ao uso do possessivo de primeira pessoa (ver tabela 5.3). Tal seqüência consiste em: I) em um primeiro momento, a criança dá preferência ao uso da forma genitiva, referindo-se a elas mesmas como “do/a neném” ou “do/a + o nome da criança”; II) em um segundo momento, a criança começa a produzir o pronome possessivo, porém, às vezes apresenta incongruência na concordância do gênero do possessivo com o gênero do nome ou, ainda, apresenta uma forma neutra, subespecificada, do pronome possessivo (“mi carro”, “mi boneca”); III) em um terceiro momento a criança realiza a concordância de , gênero do possessivo com o nome de forma congruente.

Tabela da seqüência da aquisição do possessivo

Seção	CRIANÇA A					CRIANÇA B				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Possessivo Genitivo	8	10	8	7	5	9	7	6	7	5
Poss. de gênero Subespecificado	1	2				5	3	2		
Poss. de gênero Incongruente		2	3	3	5			3	5	3
Poss. de gênero Congruente			2	3	7		2	2	3	11

Tabela 5.3 – Seqüência da produção do possessivo

Como já foi mencionado, a criança parece, em um primeiro momento, produzir formas possessivas genitivas para somente um pouco mais tarde começar a produzir o pronome possessivo. A forma genitiva se diferencia da forma pronominal por concordar em pessoa, gênero e número com o possuidor. Se durante o período de transição sugerido nesse trabalho, no qual a criança produz construções possessivas incongruentes referentes ao gênero do possessivo e o gênero do nome, tivesse sido encontrada uma sistematização do uso de “minha” para meninas e “meu” para meninos, poderia se supor que houvesse um tipo de transposição da concordância realizada pelas formas genitivas para as formas pronominais. Dessa forma, a criança do sexo masculino tenderia a produzir construções do tipo “meu bola”, enquanto a criança do sexo feminino produziria “minha quarto”. No entanto, na apuração dos dados longitudinais, foram encontradas ocorrências de produções do tipo [POSS-fem[Nmasc]] realizadas pela criança B, do sexo masculino. Esse dado vai de encontro à possibilidade de o tipo de produção incongruente estudada nesta dissertação ser decorrente de uma analogia feita pela criança entre a forma genitiva produzida inicialmente e a forma pronominalizada produzida a seguir.

Quanto à posição do possessivo na sentença, parece natural que, uma vez que a criança prefere, em um primeiro momento, usar o possessivo na sua forma genitiva, a posição usada inicialmente seja [N[POS]]. No momento em que a criança começa a produzir algum tipo de forma possessiva pronominal, surgem construções do tipo [POS[N]]. Além disso, vale ressaltar que foi observado o uso freqüente, nas primeiras produções, do possessivo seguindo um verbo de ligação: “é da mamãe”, “é mi”, “é meu/minha cama”.

É importante destacar que não foram observadas incongruências quanto à concordância pessoal que o possessivo realiza com a pessoa do discurso, nem quanto à concordância de gênero do nome com adjetivos ou determinantes. Isso sugere que há alguma distinção morfológica e/ou categorial entre os determinantes e adjetivos e os possessivos que faz com que o processo de aquisição desses itens possa se apresentar de forma diferente. A diferença mais evidente entre esses três itens é a de o possessivo realizar a concordância referencial de pessoa, enquanto determinantes e adjetivos não a fazem.

Sugere-se que o fenômeno da incongruência de gênero entre possessivo e nome estudado nesse trabalho tenha sua origem ou no nível pré-sintático, se for o caso de a criança ter dificuldades na identificação do traço de gênero do item possessivo, ou no nível pós-sintático, no caso de a criança já ter identificado o traço de gênero do possessivo, mas ainda não tê-lo associado ao Item de Vocabulário. Os dados coletados nesse estudo longitudinal, no entanto, não foram suficientes para determinar a questão do processamento que envolve essa dissertação, embora a produção alternada de possessivo congruente e incongruente aponte para uma natureza pós-sintática de tal fenômeno. Busca-se, portanto, verificar a sensibilidade de crianças a construções possessivas de gênero incongruentes na compreensão. Com essa finalidade, foram realizados dois experimentos baseados no paradigma de seleção de objetos e de imagens.

5.2. EXPERIMENTO 1: SENSIBILIDADE À CONCORDÂNCIA DE GÊNERO ENTRE POSSESSIVO E NOME NO DP

5.2.1. INTRODUÇÃO:

O experimento proposto visa a verificar se a criança é sensível à concordância de gênero que se estabelece entre o pronome possessivo e o nome, no português, e que se manifesta através de variação morfo-fonológica no possessivo, valendo-se do paradigma da seleção de objetos. Conforme o descrito no item 4.1 desta dissertação, o experimento consistiu de uma apresentação de objetos-alvo, que pertenciam a um boneco fantoche que interagiu com a criança, e objetos distratores pertencentes ao experimentador. Os objetos eram apresentados pelo experimentador, e o boneco, equipado com um alto-falante, produzia frases direcionadas à criança de forma a incentivá-la a apontar para o objeto-alvo. Foram feitas quatro listas de frases, duas direcionadas a meninas e duas direcionadas a meninos. O fantoche também era escolhido de acordo com o sexo da criança: para meninos, foi usado um boneco chamado Dedé e para as meninas, uma boneca chamada Lili. Essa estratégia foi usada para que fosse observado se a produção de possessivo incongruente em gênero era decorrente de uma relação com o sexo do possuidor, tal como ocorre na forma genitiva. Assim, manteve-se o sexo do boneco de acordo com o sexo da criança, para que a produção do boneco coincidisse com a da criança, caso esta produzisse o gênero do possessivo incongruente devido a uma concordância com o gênero natural.

Cada lista consistiu na apresentação do(a) boneco(a) e dez frases, das quais 4 eram distratores, 3 eram testes e as outras 3 eram controle. Eram a-

presentados 3 objetos de cada tipo, sendo um, tido como alvo, apresentado como pertencendo ao boneco e os demais, distratores, apresentados como sendo do experimentador. Considerou-se como comportamento padrão, compreender as frases distratoras e controles, apontando para os objetos-alvo, e estranhar as frases testes produzidas pelo(a) boneco(a), apontando para um dos objetos distratores.

Os objetos trabalhados foram previamente escolhidos de acordo com o conhecimento de mundo das crianças (vide anexo para a lista de frases utilizada e exemplos de objetos). Essa escolha se fez com base em uma lista de palavras conhecidas por crianças entre 18 e 26 meses, tanto no que diz respeito à produção, quanto à compreensão. Tal lista foi elaborada a partir de dados do preenchimento do Inventário McArthur, adaptado para o português na versão de Teixeira (1999). Os experimentos foram realizados em uma creche e em casa das próprias crianças e gravados em áudio. Cada sessão experimental durou em média 15 minutos. Participaram 8 crianças com idade entre 1 ano e 5 meses e 2 anos e 7 meses.

Os estímulos sonoros foram gravados por uma falante nativa do português e sintetizados no computador através do programa *SoundForge*. A reprodução da fala sintetizada do(a) boneco(a) se dava através de um alto-falante acoplado ao fantoche e ligado a um CD Player.

-Objetivo:

Verificar a sensibilidade das crianças à concordância de gênero entre possessivo e nome no *input* que recebe.

-Variável Independente: pronome possessivo marcado morfo-fonologicamente em gênero.

-Variável Dependente: número de acertos na identificação do objeto.

-Condições experimentais:

1- Congruente (CON): Frases que apresentam concordância congruente de gênero entre possessivo e nome, com o gênero não coincidente com o sexo da criança.

Exs.: Pega meu avião pra mim.(menina)
Pega minha colher pra mim.(menino)

2- Incongruente(INC): Frases que apresentam incongruência quanto à concordância de gênero entre o possessivo e o nome.

Exs.: Pega minha trem pra mim.(menina)
Pega meu flor pra mim.(menino)

-Hipótese:

A criança é sensível à marca morfo-fonológica de gênero no possessivo, resultante da concordância entre este e o gênero do nome, ainda que apresente, na sua produção, formas possessivas incongruentes em gênero.

-Previsão:

Se a criança é sensível à marca morfo-fonológica de gênero no possessivo, resultante da sua concordância com o gênero do nome referente ao objeto possuído, ela deverá ter um número maior de acertos na indicação do objeto-alvo na condição congruente, em relação à condição incongruente.

5.2.2. MÉTODO:

-Participantes: 8 crianças de 17 a 31 meses de idade (idade média 24 meses)

-Estímulos:

- Objetos apresentados da seguinte forma: 12 tipos de objetos, havendo 3 objetos de cada tipo (por exemplo, três peixes: um rosa, um azul e um amarelo), porém, apresentando diferenças pequenas quanto à cor e à forma. Controlou-se o gênero do nome dos objetos, sendo 6 femininos e 6 masculinos. O experimentador apresentava um primeiro objeto de um determinado tipo dizendo pertencer ao(à) boneco(a). Depois, apresentava os outros dois objetos do mesmo tipo como sendo seus. O(a) boneco(a) produzia uma frase solicitando que a criança pegasse o objeto pertencente à ele(a), usando, assim, o pronome

me possessivo de primeira pessoa do singular. Os objetos/ensaios apresentavam-se em posições e condições (congruente e incongruente, além dos distra- tores) variadas nas listas.

Exemplos de frases da Lili: Pega minha cadeira pra mim. (CON)

Pega minha carro pra mim. (INC)

Pega meu lápis pra mim. (distrator)

Exemplos de frases do Dedé: Pega meu lápis pra mim. (CON)

Pega meu flor pra mim. (INC)

Pega minha cadeira pra mim. (distrator)

- As listas foram produzidas da seguinte forma: 4 listas contendo, inicialmente, uma apresentação do(a) boneco(a) e em seguida dez frases alterna- das entre congruentes, incongruentes e distratoras. Considerou-se o sexo das crianças, portanto, foram montadas 2 listas destinadas às meninas e produzi- das por uma boneca e 2 listas destinadas aos meninos e produzidas por um boneco. As listas tinham ordens diferentes quanto às condições das frases e os tipos de objetos.

- Procedimento:

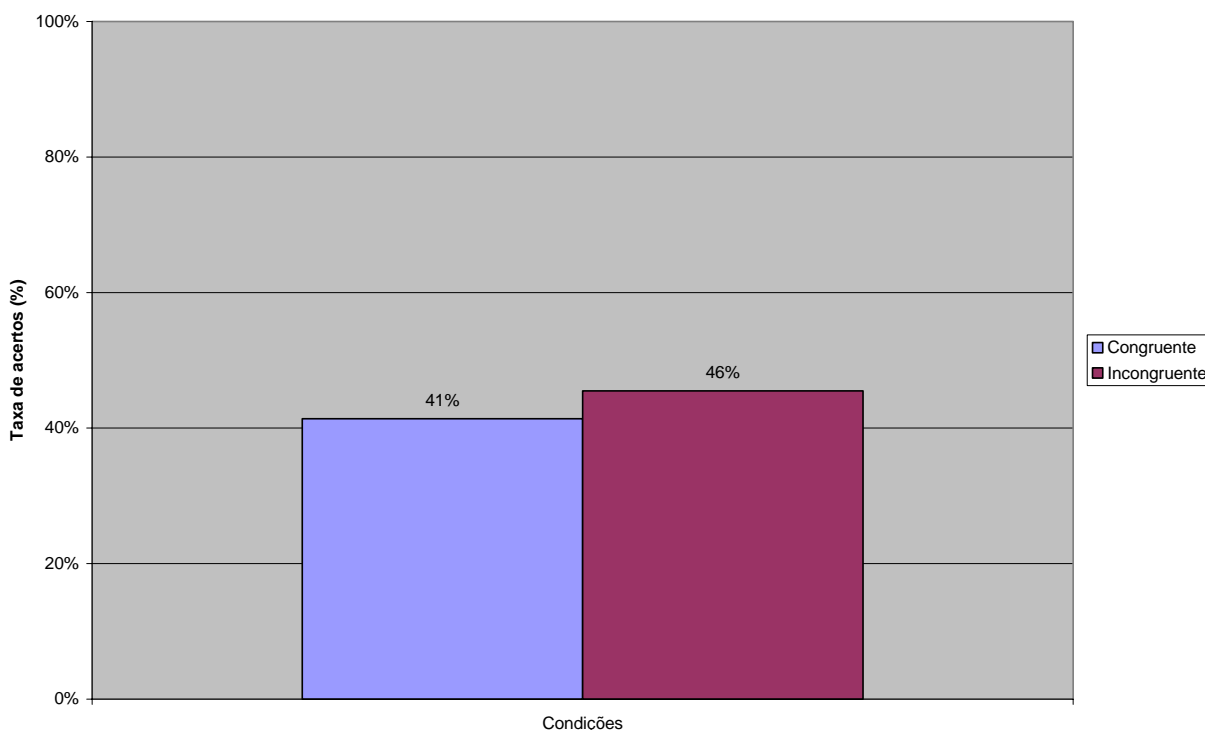
Tarefa de Seleção de Objetos (cf. seção 4.1).

5.2.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A contagem dos dados considerou o número de escolhas do objeto-alvo nas duas condições. Os resultados em percentuais aparecem na lista e no gráfico a seguir:

	Congruente	Incongruente
Média de acertos	41%	46%

Tabela 5.4 – Resultado do Experimento 1



O número de respostas correspondentes à indicação do objeto-alvo na condição incongruente não foi significativamente menor em relação ao número de acerto do objeto-alvo na condição congruente. Ao contrário, foi um pouco maior, ainda que sem diferença estatisticamente significativa ($p=0.4$; $t=0.8$). Pode-se dizer que a taxa de acertos em ambas as condições ficou no mesmo patamar, o mesmo tendo acontecido com as respostas aos ensaios distratores (44%).

Uma explicação provável para esse resultado é que as crianças se envolviam muito com os objetos e não se importavam com a atividade em si, o que prejudicou a atenção e participação durante o experimento. Foi percebido que as crianças entendiam o objetivo do jogo como “pegar um objeto qualquer” e não como “pegar o objeto pertencente ao(à) boneco(a)”. Assim, na maioria das vezes, pegavam o objeto mais próximo ou o que achavam mais interessante.

Um segundo experimento foi desenvolvido a fim de verificar a sensibilidade e, além disso, verificar a sensibilidade à forma fônica dos pronomes possessivos e à sua posição estrutural.

5.3. EXPERIMENTO 2: SENSIBILIDADE A PROPRIEDADES SINTÁTICAS DO POSSESSIVO NO DP

5.3.1. INTRODUÇÃO

De acordo com os dados insuficientes do primeiro experimento, fez-se necessária a realização de um novo experimento para que se pudesse verificar o efeito de produções de construções possessivas de gênero incongruente, na compreensão. Assim, foi realizado um experimento sob o paradigma da seleção de imagens.

O experimento aqui proposto se baseou no estudo conduzido por Name (2002) sobre a aquisição do gênero em português, cujo objetivo foi obter evidências sobre a habilidade da criança em processar informação relativa ao gênero dentro da categoria D e relacioná-la ao nome através da concordância.

Nesta dissertação, visa-se verificar se a criança processa, na compreensão, a concordância de gênero entre possessivo e nome.

Dessa vez, ao invés de objetos, utilizou-se um álbum com imagens previamente selecionadas e distribuídas de quatro em quatro por página (vide anexo para a lista de frases utilizada e exemplo de prancha de desenho). Em cada página havia apenas uma imagem-alvo, sendo as demais de controle.

Foram elaboradas frases testes com possessivos congruentes, com possessivos incongruentes, com pseudo-palavras, com outros itens funcionais no lugar do possessivo e frases-controle de concordância congruente, porém, com ordem aleatória das palavras. Tais frases foram elaboradas tomando como base o Inventário McArthur. A fim de se poder comparar os resultados obtidos com os resultados de Name (2002), foram mantidos os mesmos nomes, imagens de objetos e apresentação, diferenciando-se somente a apresentação de possessivos no lugar dos determinantes e o uso de dois bonecos distintos – um menino (Dedé) e uma menina (Lili).

O estímulo sonoro foi, como no experimento anterior, gravado por uma falante nativa do português e sintetizado no computador para, posteriormente, ser reproduzido pelo(a) boneco(a) através de uma caixa de som multimídia acoplada ao fantoche e ligada a um CD Player.

O experimento foi realizado em creches e em casas de família. A duração média de cada sessão foi de 15 minutos, sendo todas gravadas em áudio.

- Objetivos:

1. Verificar a sensibilidade das crianças a possessivos no português;
2. Verificar a sensibilidade da criança à posição estrutural dos possessivos, em oposição a itens funcionais de outra categoria;
3. Verificar a sensibilidade da criança à concordância incongruente de gênero entre possessivo e nome no *input* que recebe.

- Variável Independente: tipo de item na posição de possessivo anteposto ao nome.

- Variável Dependente: número acertos na identificação de imagem.

- Condições experimentais:

1. Possessivo congruente com o gênero do nome (CON).

Exs.: Mostre minha bola pra Flávia.

Mostre meu carro pra Flávia.

2. Possessivo incongruente com o gênero do nome (INC).

Exs.: Mostre meu bola pra Flávia.

Mostre minha carro pra Flávia.

3. Item Funcional de categoria diferente de Poss (COMP).

Exs.: Mostre que/se bola pra Flávia.

Mostre que/se carro pra Flávia.

4. Pseudo-item funcional (PS).

Exs.: Mostre gur/biu bola pra Flávia.

Mostre gur/biu carro pra Flávia.

5. Condição controle: frase desordenada (DES)

Ex.: Pra carro/bola mostre Flávia meu/minha.

- Hipóteses:

1. A criança é sensível a elementos da categoria Poss e à concordância de gênero entre estes e os nomes em situação de compreensão.
2. A não concordância de gênero entre Poss e N interfere na compreensão, assim como a presença de outros elementos na posição estrutural reservada à categoria Poss.

- Previsões:

1. Se a criança reconhece os elementos da Categoria Possessivo, ela deverá ter uma taxa de acerto maior para frases congruentes

(CON) do que para frases com pseudo-itens funcionais (PS):
(CON>PS);

2. se a criança é sensível à posição estrutural dos pronomes possessivos, em oposição a itens de outras categorias, sua taxa de acerto deverá ser maior para as frases congruentes (CON), em relação às frases com itens complementizadores (COMP):
(CON>COMP);

3. se a criança é sensível à concordância de gênero entre Poss e N no DP, sua taxa de acerto deverá ser maior para as frases congruentes (CON), em relação às frases incongruentes (INC):
(CON>INC);

Se a criança não usa como estratégia de resolução da tarefa uma busca do nome conhecido ignorando o contexto lingüístico, ela deverá ter taxa maior de acertos para as frases congruentes (CON) do que para as frases desordenadas (DES): (CON>DES).

5.3.2. MÉTODO

- Participantes: 13 crianças de 22 a 34 meses de idade (idade média 28 meses).

Dezenove crianças participaram da atividade, mas 6 não puderam ser aproveitadas: 2 crianças não completaram a atividade e 4 foram eliminadas por não mostrarem o mínimo de interesse na atividade.

- Estímulos:

- Livro com 22 páginas com 4 figuras cada, de forma que 1 era a figura-alvo e as outras 3, distratoras, sendo 1 referente a nome de mesmo gênero que o nome da figura-alvo, 1 referente a nome de gênero oposto e 1 figura de objeto inventado. A posição da figura-alvo na página foi variada. As duas primeiras páginas são usadas como treinamento.

- Cinco listas de sentenças (anexo), todas começando por duas perguntas-treinamento. Foram usados 10 nomes femininos e 10 nomes masculinos. Antes da lista, foi gravada uma série de saudações para que a criança se familiarize com a voz do fantoche (“Olá, eu sou o/a Dedé/Lili. Que lugar legal! Vamos brincar?”).

- Exemplo de frases:

CONG.: Ache minha casa pra Flávia.

INCONG.: Ache meu banana pra Flávia.

COMP.: Mostra se telefone pra Flávia.

PS.: Mostre gur relógio pra Flávia.

DES.: Flávia meu mostre livro pra.

- Procedimento:

Tarefa de Seleção de Imagens(cf. seção 4.2).

Foram usados dois fantoches (Dedé e Lili) que produziam enunciados direcionados às crianças e estas deveriam apontar, ou direcionar o olhar, a figura-alvo apresentada no livro confeccionado para o experimento.

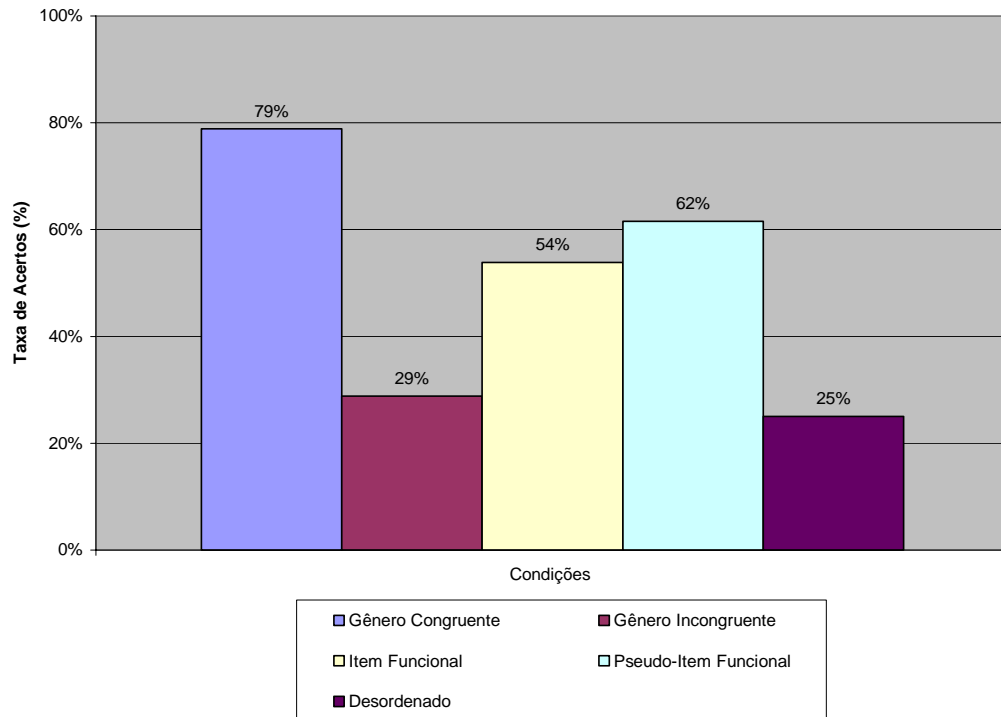
O experimentador chegava à casa da criança ou à creche e fazia um tipo de entrosamento, se apresentando e dizendo que trouxe um(a) boneco(a) para brincar um pouco. Depois de alguns minutos de familiarização, o experimentador apresenta o fantoche e dá-se início ao fase de familiarização com o fantoche. Depois de a criança ter se acostumado com o(a) boneco(a), o experimentador diz que o/a Dedé/Lili trouxe um livro e quer que a criança mostre para o experimentador (Flávia) o que ele/ela pedir. Se a criança concorda em brincar, começa efetivamente o experimento.

5.3.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A contagem dos dados considerou o número de escolhas da figura-alvo nas cinco condições. Os resultados na tabela e no gráfico a seguir:

	CON	INC	COMP	PS	DES
Média	79%	29%	54%	62%	25%

Tabela 5.5 – Resultado do Experimento 2



Os resultados indicam que as crianças foram capazes de identificar a figura-alvo em 79% das apresentações do tipo (CON); em 29% das apresentações do tipo (INC); em 54% das apresentações com item funcional incongruente do tipo (COMP) e 62% das com pseudopossessivo do tipo (PS). A taxa de acerto na condição desordenada (DES) foi de 25% do total. Um teste t mostra que houve diferença significativa entre a condição (CON) e todas as outras condições:

- CON x INC: $t = 6.03$, $p < 0.001$
- CON x COMP: $t = 3.49$, $p < 0.01$
- CON x PS: $t = 2.62$, $p < 0.02$
- CON x DES: $t = 6.23$, $p < 0.001$

Houve, ainda, diferença significativa entre a condição INC e as condições COMP: $t = 2.73$, $p < 0.02$ e PS: $t = 3.96$, $p < 0.001$. Não houve diferença significativa entre a condição INC e a condição DES. Esta última apresentou diferença significativa em relação à condição COMP: $t = 4.28$, $p < 0.001$ e à condição PS: $t = 6.46$, $p < 0.001$.

Esses resultados sugerem que a criança, nessa idade, não só é sensível aos possessivos e à sua posição estrutural, como também é sensível à concordância entre possessivo e nome no DP. Possessivos incongruentes quanto ao gênero do nome dificultam a compreensão (cf. diferença estatisticamente significativa encontrada entre CON e INC).

A criança reconhece os possessivos de sua língua, processando possessivos como membros de uma categoria distinta e rejeitando os elementos que não pertencem à mesma categoria, como complementizadores (COMP) e pseudo-itens funcionais (PS) (cf. diferença estatisticamente significativa encontrada entre CON e COMP, CON e PS).

O fato de o índice de acerto das apresentações da condição desordenada terem sido pequeno indica que os resultados obtidos nas demais condições não são devidos a uma estratégia de busca lexical, de um mero reconhecimento

to de nomes familiares, independente da estrutura em que se inserem. Além disso, a taxa de acerto estatisticamente significativa entre INC e as condições PS e COMP pode indicar que a criança, nessa idade, estranha mais a incongruência de gênero do possessivo do que elementos estranhos à língua (pseudo-itens funcionais) ou estranhos à posição estrutural (complementizadores).

Todos esses dados obtidos com os resultados vão ao encontro dos dados apurados em Name (2002) quanto à sensibilidade da criança à concordância de gênero entre determinantes e nomes, salvo o fato de se ter uma diferença mais acentuada entre (CON) e (INC) no que diz respeito aos possessivos. Baseando-se nesses resultados e nos de Name (2002), pode-se sugerir que a criança estranha mais a incongruência de gênero entre possessivo e nome (apenas 29% de acertos) do que a incongruência de gênero entre determinante e nome (77% de acertos). A incongruência de primeiro tipo (entre possessivo e nome) parece, portanto, ser de natureza diversa da do segundo tipo (entre determinante e nome). Uma possibilidade é que, por ser o determinante a fonte de identificação do gênero do nome (cf. Name, 2002), uma vez que a criança já sabe o gênero daquele(s) nome(s), o determinante incongruente parece afetar pouco a identificação do nome. Já a informação de gênero no possessivo parece estar ligada somente ao processamento da concordância, sem ter o papel de identificação do gênero do nome para a criança. O estranhamento maior da incongruência no possessivo, pela criança, pode refletir o seu estranhamento a um “mau funcionamento” de uma operação sintática – a concordância de gênero entre possessivo e nome.

5.4. CONCLUSÃO

Os experimentos apresentados neste capítulo tiveram como objetivo prover evidências compatíveis com a hipótese de trabalho que norteia esta dissertação. Tal hipótese defende que, apesar de algumas crianças produzirem a concordância de gênero incongruente entre o possessivo e o nome que se refere ao objeto possuído, elas não apresentam comportamento semelhante na compreensão. Em outras palavras, esse fenômeno de incongruência de gênero em construções possessivas parece ter fundamento em um nível pós-sintático do processamento da linguagem, no momento em que a criança já fixou o traço de gênero referente ao possessivo, mas apresenta uma produção morfológica diferente da do *input* no nível da representação lingüística.

Essa hipótese pressupõe que a criança possua habilidades que lhe permitam discriminar, ainda muito cedo, os itens funcionais, incluindo os pronomes possessivos, da língua em processo de aquisição. A criança também deve se encontrar apta para, mais tarde, reconhecer os pronomes possessivos como integrantes de uma categoria Poss e estabelecer sua concordância com o nome.

No que tange à coleta de dados, observou-se que as duas crianças estudadas produziam construções possessivas de gênero incongruente, revezando tais construções com produções congruentes do mesmo tipo. Isso permite afirmar que, algumas crianças, entre 22 e 26 meses, de ambos os sexos, tendem a realizar produções de concordância de gênero incongruente entre o possessivo e o nome, em uma etapa da aquisição da linguagem que parece

ser intermediária entre a produção exclusiva de possessivos genitivos e o momento em que se inicia a produzir as formas possessivas pronominais. A possibilidade de o uso incongruente do gênero no possessivo ocorrer pelo fato de a criança transportar seu conhecimento de concordância de gênero das construções genitivas para as construções possessivas pronominais não é validada, pois, nos dados coletados, houve casos em que a criança produziu incongruências de gênero entre o possessivo e o nome e entre o possessivo e o possuidor. Para que tal possibilidade pudesse ser validada, seria necessário que a criança realizasse construções possessivas pronominais concordando o gênero do possessivo com o gênero do possuidor, assim como é com as formas genitivas.

O experimento 1, do paradigma de seleção de objetos, foi realizado para verificar se a criança entre 17 e 31 meses é capaz de identificar a incongruência de gênero entre possessivo e nome na compreensão. Porém, o resultado não foi significativo, o que parece ter sido decorrente de uma falha na escolha do experimento, pois as crianças se interessam pelos objetos e não davam importância ao “jogo” proposto.

O experimento 2 foi realizado com o mesmo objetivo do experimento 1, utilizando-se, dessa vez, do paradigma de seleção de imagens. O resultado mostrou que crianças identificam o possessivo como um item funcional, são sensíveis à sua posição na sentença e, enfim, percebem a incongruência de gênero entre possessivo e nome na compreensão. O baixo índice de acertos na condição incongruente em comparação com o índice de acertos em condições de pseudo-item funcional e complementizador em posição de possessivo,

indica que a criança estranha mais um erro de concordância entre possessivo e nome do que um possível novo item. Esse resultado sugere que o fato de algumas crianças produzirem a concordância incongruente de gênero entre possessivo e nome, não significa que elas não tenham fixado ou identificado o traço de gênero do possessivo. Parece que a criança ainda não processou a associação do traço valorado de gênero no possessivo com a identificação da forma do Item de Vocabulário, não produzindo efetivamente a concordância do possessivo de acordo com o *input* que recebe.

6. CONCLUSÃO

A dissertação teve como foco o processo de aquisição da linguagem no que concerne à aquisição do pronome possessivo por crianças adquirindo o PB, mais especificamente à produção de construções possessivas de gênero incongruente.

A hipótese de trabalho que orienta esta dissertação é a de que a criança, apesar de identificar o traço de gênero pertinente ao possessivo na compreensão, realiza, em alguns casos, produção de gênero incongruente entre o possessivo e o nome que se refere ao objeto possuído. Esse fenômeno da incongruência faz parte de uma seqüência de etapas que a criança cumpre durante o processo da produção do possessivo. Tal seqüência consiste em: I) produção de formas genitivas para designar posse; II) produção de pronome possessivo (em um primeiro momento, possessivo substantivo e depois, possessivo adjetivo) de gênero subespecificado ou incongruente e III) produção de pronome possessivo de gênero congruente.

Considerando o modelo de sistema computacional proposto pelo Programa Minimalista, podem-se assumir processos sintáticos distintos. O processo pré-sintático depende da formação do léxico e da caracterização dos traços pertinentes a este. O processo sintático envolve as operações do sistema computacional. O processo pós-sintático é referente à associação de Itens de Vocabulário. A não associação de um certo valor de um traço e um determinado Item de Vocabulário pode prejudicar a produção de certos morfemas, como o do gênero do possessivo. Uma vez que a criança não apresenta dificuldade na

compreensão, no que diz respeito à identificação de traços do possessivo, pode-se dizer que o fenômeno da incongruência de gênero em construções possessivas parece ter fundamento em um nível pós-sintático do processamento da linguagem, no momento em que a criança já fixou o traço de gênero referente ao possessivo, mas apresenta uma produção morfo-fonológica diferente da do *input* no nível da representação lingüística.

A hipótese que concerne este trabalho pressupõe, ainda, que a criança possua habilidades que lhe permitam discriminar, ainda muito cedo, os itens funcionais, incluindo os pronomes possessivos, da língua em processo de aquisição. A criança também deve se encontrar apta para, mais tarde, reconhecer os pronomes possessivos como integrantes de uma categoria Poss e estabelecer sua concordância com o nome.

Os objetivos desta dissertação consistiram na avaliação da sensibilidade da criança ao pronome possessivo e sua posição estrutural na sentença, assim como do reconhecimento do estabelecimento de concordância sintática de gênero entre possessivo e nome no Sintagma Determinante (DP). Buscou-se, ainda, uma caracterização do fenômeno da incongruência de gênero entre possessivo e nome de acordo com um modelo de língua e um modelo de processamento.

Foram realizadas coletas de dados longitudinais e atividades. As coletas de dados longitudinais mostraram que a criança cumpre etapas na produção do possessivo e que, em uma etapa intermediária, pode ocorrer incongruência de gênero entre o possessivo e o nome. Os resultados experimentais sugeriram

que esse fenômeno da incongruência não tem origem no processo pré-sintático, pois, crianças estranham tal tipo de construção em tarefa de compreensão, o que supõe que elas já tenham fixado os traços pertinentes ao possessivo. Isso sugere, então, que a produção de construções possessivas de gênero incongruente é decorrente de processo pós-sintático, na associação do Item de Vocabulário e o traço de gênero valorado do possessivo.

De uma forma geral, com base no que foi exposto neste trabalho, pode-se concluir que:

- a. A criança, com 2 anos em média, é sensível ao pronome possessivo, enquanto item funcional, e também à sua posição estrutural;
- b. A criança, nessa idade, já reconhece o estabelecimento da concordância de gênero entre o possessivo e o nome;
- c. A produção de construções possessivas de gênero incongruente parece ser fruto de processo pós-sintático do sistema computacional e faz parte de uma seqüência de etapas cumpridas durante o processamento da produção do possessivo.

Explicações baseadas em uma possível concordância semântica com o sexo do possuidor ou uma falha no estabelecimento da concordância sintática entre Possessivo e Nome podem ser descartadas pelos dados apresentados.

No que diz respeito à concordância semântica, uma possibilidade explanatória seria uma analogia com a construção genitiva – que estabelece concordâncias de gênero e número com o possuidor, e não com o nome do objeto possuído. Sendo assim, a criança do sexo masculino produziria “meu bola” e a do sexo feminino, “minha carro”, por estarem concordando o gênero do possessivo de acordo com seus sexos. No entanto, a criança do sexo masculino observada produziu construções incongruentes nos dois gêneros. Além disso, na situação experimental, as crianças estranharam quando o boneco (ou a boneca) fazia construções incongruentes, mas de gênero masculino (“meu bola”, ou, no caso da boneca, “minha carro”). Tais resultados não sustentam, portanto, uma explicação semântica para o fenômeno estudado.

No que diz respeito ao estabelecimento da concordância sintática, os resultados são claros, indicando que a criança reconhece o estabelecimento da concordância entre possessivo e nome em situação de compreensão, no período em que ela pode apresentar produção incongruente em gênero. Assumindo-se que o estabelecimento da concordância é um processo sintático único para a produção e para a compreensão, tal explicação é de difícil defesa.

Buscou-se, com esta dissertação, contribuir para o entendimento do processo de aquisição da linguagem de maneira geral e, em particular, do português do Brasil. Desenvolvimentos futuros podem explorar a ampliação do segundo experimento, com maior número de crianças testadas, o aprofundamento do status categorial do possessivo e um maior detalhamento do percurso de aquisição do pronome possessivo, desde o reconhecimento de suas características fônicas até sua produção em diferentes contextos.

7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNEY, S. P. **The English noun phrase in its sentencial aspect**. Tese de Doutorado. MIT, 1987.

ADGER, D. **Core Syntax: A Minimalist Approach**.

ALEXIADOU, A. **Possessors and (in)definiteness**. University of Stuttgart, 2004.

AUGUSTO, M.R.A. **As relações com as interfaces no quadro minimalista gerativista: uma promissora aproximação com a Psicolingüística**, no prelo.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. Petrópolis: Ed. Vozes (21ª edição), 1977.

CARSTENS, V. **Remarks and Replies. Concord in Minimalist Theory**. *Linguistic Inquiry*, 31 (2), p. 319-355, 2000.

CERQUEIRA, V.C. **A Sintaxe do Possessivo no Português Brasileiro**. Tese de doutorado. UNICAMP, 1996.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Mass.: The MIT Press, 1995.

_____. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHRISTOPHE, A., NESPOR, M., GUSTI, M. T. & OOYEN, B. V. **Prosodic struture and syntactic acquisition: the case of the head-direction parameter**. *Developmental Science* 6:2, p.211-220, 2003.

_____. **Reflections on Phonological Bootstrapping: Its Role for Lexical and Syntactic Acquisition**. *Language and Cognitive Processes*, vol. 12, no. 5/6, p. 585-612, 1997.

CORRÊA, L. M. S. **Explorando a relação entre língua e cognição na interface: o conceito de interpretabilidade e suas implicações para teorias do processamento e da aquisição da linguagem**. *Veredas: Revista de Estudos Lingüísticos* v. 6, n.1, p.113-129, 2002.

_____. **Conciliando processamento lingüístico e teoria de língua no estudo da aquisição da linguagem: habilidades discriminatórias de bebês, categorias funcionais e a disponibilidade de um sistema computacional lingüístico.** In: CORRÊA, L. M. S. (org.). *Aquisição da Linguagem e Problemas no Desenvolvimento Lingüístico*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ, no prelo.

GLEITMAN, L.R. & NEWPORT, E.L. **The Invention of Language by Children: Environmental and Biological Influences on the Acquisition of Language.** In: OSHERSON, D. *An Invitation to Cognitive Science*. Vol I: Language. Mass: The MIT Press., 1995.

GONZAGA, M. **The Structure of DP in European Portuguese – Evidence from Adjectives and Possessives.** First Annual Undergraduate Linguistics Colloquium at Havard. University of Havard, 2003.

HALLE, M & MARANTZ, A. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection.** In: HALE, K & Keyser, S. J.(eds.) *The View from building 20*. Cambridge, Mass.: Mit Press. 1993, p. 11-176.

HÖHLE, B. & WEISSENBORN, J. **The origins of syntactic knowledge: recognition of determiners in one-year-old German Children.** *Proceedings of the 24th Annual Boston Conference*, 2000.

JUSCZYK, P. **The Discovery of Spoken Language.** Mass: MIT Press., 1997.

MACWHINNEY, B. **The Childes Project – Tools for Analyzing Talk.** Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey, 1995.

MONTEIRO, J.L. **Pronomes Pessoais – subsídios para uma gramática do PB.** Universidade Federal do Ceará. Edições UFC, Fortaleza, 1994.

MORGAN, J. & DEMUTH, K. **Signal to Syntax: bootstrapping from speech to grammar in early acquisition.** Lawrence Erlbaum Ass. NJ, 1996.

MULLER, A.L.P. **A Gramática das Formas Possessivas no Português do Brasil.** Tese de doutorado. UNICAMP, 1997.

MYERS, J., JUSCZYK, KEMLER-NELSON, CHARLES-LUCE, WOODWARD & HIRSH-PASEK. **Infants' sensitivity to word boundaries in fluent speech.** *Journal of Child Language* 23, 1-30, 1996.

NAME, M. C. **Habilidades Perceptuais e Lingüísticas no Processo de Aquisição do sistema de Gênero no Português.** Tese de doutorado. PUC. RJ, 2002.

NEVES, M.H. **Gramática de Usos do Português.** UNESP, SP, 2000.

PAMIES, A. **La Relación forma-sentido en las construcciones posesivas.** Trabalho apresentado no III Congresso Internacional da ABRALIN. RJ, 2003.

RADFORD, A. **Syntax: a minimalist introduction.** Cambridge: UK University Press, 1997a.

REGIS, J. F. S. **Posse e estratégia de relativização: a posse que não é posse.** Salvador, 2003.

RUFF, C. **Possession and Possessor in the Language Development of German and Italian Children.** Tese de doutorado. Technische Universitat Braunschweig.

SCHULZ-GRIESBACH. **Grammatik der deutschen Sprache.** München: Max Hueber Verlag, 1960.

SHADY, M. **Infants' sensivity to function morphemes.** PhD Dissertation at Univ. Buffalo, 1996.

SHI, WERKER & MORGAN. **Newborn infants' sensitivity to perceptual cues to lexical and grammatical words.** *Cognition*, 72, B11-B21, 1999.

SLOBIN, D. I. **The crosslinguistic study of language acquisition.** Vol. I: The Data. Hillsdale: L. Erlbaum, 1985.